

HOMOSSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

CONSTRUINDO O RESPEITO À DIVERSIDADE



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Reitor

Wilmar Sachetin Marçal

Vice-Reitor

Cesar Antonio Caggiano Santos

Ministério
da Educação



Mary Neide Damico Figueiró
(Organizadora)

HOMOSSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

CONSTRUINDO O RESPEITO À DIVERSIDADE

Capa
Beatriz Figueiró

Editoração Eletrônica e Arte Final
Maria de Lourdes Monteiro

Normalização
Maria Aparecida dos Santos Letrari

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

H768 Homossexualidade e educação sexual : construindo o respeito
à diversidade / Mary Neide Damico Figueiró (org.).
– Londrina : UEL: MEC/SECAD2007.
129p.

ISBN 85-9819-653-3

1. Homossexualidade. 2. Educação sexual. 3. Sexuali-
dade. 4. Diversidade sexual. 5. Orientação sexual. I. Figueiró,
Mary Neide Damico.

CDU 613.88

Distribuição gratuita
Contato com Professora Mary Neide Damico Figueiró
e-mail: figueiro@onda.com.br

*A rosa não tem porquê.
Ela floresce porque floresce.*

Ângelo Silésius

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	ix
APRESENTAÇÃO	xiii
CAPÍTULO I – DIVERSIDADE SEXUAL: REFLEXÕES	
INTRODUTÓRIAS	1
Diversidade Sexual: O que é?	3
A inserção da Universidade Estadual de Londrina, no Programa Brasil sem Homofobia	5
Para início de conversa	6
CAPÍTULO II – DIVERSIDADE SEXUAL: SUBSÍDIOS PARA A	
COMPREENSÃO E A MUDANÇA DE ATITUDE	11
Histórias de vida	13
Educação Sexual: Fundamentos Básicos	26
Homossexualidade: Esclarecimentos Básicos	28
Veja o que foi dito	39
Níveis de Atitudes diante da diversidade	43
Comportamento sexual nos animais	46
Homossexualidade feminina	48
Falas de educadoras. Dúvidas de educadores.	52
Abordagens de Educação Sexual e o combate à homofobia.	65
CAPÍTULO III – DIVERSIDADE SEXUAL: ELEMENTOS PARA A	
PRÁTICA PROFISSIONAL EDUCATIVA	69
Homossexualidade e escola: uma relação a ser construída	71
Convivendo com a diversidade sexual: relato de experiência	77
Estratégias de Ensino para trabalhar o combate à homofobia	81
Filmes como recurso didático. Sinopses	87

CAPÍTULO IV – MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A QUESTÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL	95
Homossexualidade ao longo da história: um breve olhar sobre significados e sentidos	97
O Movimento Homossexual	101
Subjetividade das Travestis Brasileiras	103
Homossexualidade e Família	107
Homossexualidade: (um) presente na família	111
ENCERRAR FALANDO EM MUDANÇAS	113
REFERÊNCIAS	115

Ofereço este trabalho:

Aos educadores e educadoras, sejam da área da Educação, Saúde, ou Assistência Social, que têm a sensibilidade de perceber a importância da Educação Sexual e que se dedicam, com amor, a estudá-la e a colocá-la em prática.

CAPÍTULO I

DIVERSIDADE SEXUAL:
REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

DIVERSIDADE SEXUAL: O QUE É?

*O homem é para si mesmo um mistério vivo,
do seu ser conhece senão a superfície.*

Leon Denis

Desde que nascemos, aprendemos que existe o homem e a mulher e que, tendo um pênis, a pessoa sente-se um homem e, tendo uma vulva (vagina), sente-se uma mulher. Aprendemos, ainda, que eles sentirão atração sexual um pelo outro, acasalar-se-ão e terão filhos e que esta é a única forma de duas pessoas relacionarem-se sexualmente.

O mundo vem nos mostrando que a questão da atração sexual, ou seja, do desejo sexual, não se dá, unicamente, da forma como aprendemos, pois há pessoas que sentem atração afetivo-sexual por outras do sexo oposto, há as que sentem atração por pessoas do mesmo sexo e há as que sentem atração por ambos os sexos. Aqui, falamos de um dos aspectos da diversidade sexual: as diferentes **orientações sexuais**, ou seja, os diferentes rumos do desejo sexual, que são: a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade.

O mundo vem nos mostrando, ainda, que:

- existem homens que se sentem bem como homens e gostam de ser homens;

- há os que vivem como homens, não rejeitam seu órgão sexual, mas, em alguns momentos, sentem necessidade de se travestir de mulher;
- há os que sentem necessidade de estar sempre travestidos de mulher e muitos que até mudam seu corpo, por exemplo, com silicone – são as travestis;
- há os que não se sentem homens, de forma alguma, que até rejeitam seu órgão sexual e desejam fortemente mudar de sexo – são transexuais.

Com relação às mulheres, idem:

- há as que se sentem bem como mulheres e gostam de ser mulheres;
- há as que vivem como mulheres, não rejeitam seu seio e sua vulva, mas gostam de travestir-se, continuamente, de homem – são os travestis;
- há as que se sentem homens, que até rejeitam seu seio e sua vulva e desejam fortemente mudar de sexo – são transexuais.

Aqui, falamos de um outro aspecto da diversidade sexual: o que envolve a **identidade sexual** e a **identidade de gênero**. A primeira diz respeito ao processo de identificar-se psicologicamente como homem ou mulher, o que poderia ser designado, de forma simples, de sexo psicológico, e que se dá, comumente, antes de se completar o segundo ano de vida. A identidade de gênero, isto é, o sexo social, refere-se ao processo pessoal de estruturação e direcionamento de comportamentos e de condutas sociais (forma de falar, de se vestir, de andar etc) para um esquema masculino ou para um esquema feminino, ambos construídos social e culturalmente.

Estas duas identidades, juntamente com a orientação sexual, constituem-se de maneira articulada e integram a identidade pessoal.

Resumidamente falando, a diversidade sexual abrange pessoas: heterossexuais, homossexuais, bissexuais e, também, transgêneros, ou seja, travestis e transexuais.

No decorrer deste livro, a diversidade sexual será esclarecida e depoimentos de educadores, de pessoas homossexuais e de pesquisadores serão trazidos, a fim de ajudar a todos, em especial, os educadores, a compreender a diversidade sexual e, sobretudo, a

identificar formas positivas e humanizadoras de lidar com pessoas homossexuais, contribuindo para a eliminação da discriminação, do desrespeito e da agressão em relação a pessoas que fogem aos padrões habitualmente aprovados pela sociedade – os padrões da heteronormatividade.

Em alguns momentos, poemas e frases de reflexão serão inseridos, pois acredito que este assunto, como todos os que requerem mudança de atitudes e de sentimentos, necessita ser pensado, não apenas de maneira intelectualista, mas, sobretudo, de forma afetiva, em cujo caminho podemos nos deixar ser guiados por nossos poetas e pensadores.

A INSERÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA NO PROGRAMA BRASIL SEM HOMOFOBIA

A Educação Sexual é reconhecida como fundamental no meio escolar, em todos os níveis de ensino, e, para que isto seja alcançado, é imprescindível o investimento na formação dos educadores. A Universidade Estadual de Londrina (UEL), por meio do Departamento de Psicologia Social e Institucional, tem feito uma sólida caminhada na formação de educadores sexuais, abrangendo o tripé: ensino – pesquisa – extensão.

Desde 1995, venho desenvolvendo, na UEL, Grupos de Estudos sobre Educação Sexual (GEES), para educadores e profissionais da área da Educação, Saúde e Assistência Social, a fim de prepará-los para atuar no ensino das questões relativas à sexualidade. O GEES sempre se pautou num trabalho formativo, a longo prazo, com encontros semanais, de maio a fim de novembro, perfazendo um total de 22 encontros durante o ano. Em cada edição, são abertos e desenvolvidos, no próprio campus universitário, quatro novos grupos, compostos, cada um, de 20 integrantes.

Este trabalho, que em 2006 passou à sua oitava edição, agregou-se ao Programa Brasil Sem Homofobia, com o apoio do Ministério da

Educação (MEC) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Ampliado, o projeto passou a denominar-se: “Formação de Profissionais para a Educação Sexual, o Combate à Homofobia e a Promoção da Cidadania Homossexual”.

Nesta nova fase, o trabalho é realizado em três vertentes: a primeira é a continuação dos GEES; a segunda é a supervisão e assessoria aos professores que já passaram pelo GEES e a terceira, a realização de eventos voltados para o tema da **diversidade sexual** e da Educação Sexual. No ano de 2006, o projeto assumiu caráter interdisciplinar, envolvendo profissionais e estudantes de cinco cursos da UEL: Ciências Sociais, Enfermagem, Psicologia, Biologia e Serviço Social.

Considerando que, a partir de novembro de 2006, o MEC reforçará seu apoio financeiro ao Projeto/Uel, duas outras frentes de trabalho serão incorporadas: a realização de oficinas sobre a educação para o respeito à diversidade sexual, destinadas a educadores nos espaços das escolas, e a publicação de material de apoio didático aos educadores.

Tudo isto faz sentido, na medida em que acreditamos que a formação continuada de educadores necessita estar atrelada a todas as lutas sociais, em especial, àquelas voltadas para a construção da cidadania, eliminando toda forma de opressão, violência, discriminação e desigualdade. Só assim será possível concretizar uma educação escolar que contribua, efetivamente, para a realização e a felicidade das pessoas e para a transformação social.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Como organizadora deste livro, gostaria de começar falando sobre como me situei diante da diversidade sexual ao longo de minha vida.

Não me lembro de ter tido contato com pessoas homossexuais, seja do sexo masculino, seja do feminino, na infância ou adolescência.

Isto fez falta em minha formação, pois quando vim a tomar conhecimento da diversidade sexual, já havia se instaurado, em mim, um sentimento de estranheza, de perplexidade e de fechamento diante da questão. Lembro-me da primeira vez que ouvi a palavra lésbica; tinha por volta de 12 anos, mais ou menos, quando minha mãe e minha tia estavam conversando, em tom sussurrante, que na cidade havia duas mulheres que moravam juntas e que viviam como um casal. Interferi, pedindo esclarecimento e querendo participar do assunto, mas fui afastada. Percebi que era algo reprovável pela sociedade. Jamais toquei no assunto com alguém; jamais perguntei para alguma professora o que isto significava ou porque acontecia, pois eu havia aprendido que as professoras não eram abertas a perguntas, quando o assunto era sexo; eu havia aprendido, como a maioria, que sobre este assunto não se fala, nem mesmo na escola.

O primeiro contato com uma pessoa que parecia ser homossexual deu-se em meu curso de Psicologia. Um grande colega de classe, boa pessoa, alegre e comunicativo; não posso dizer amigo, pois talvez a minha própria atitude de retraimento diante do diferente impossibilitou que nascesse, entre nós, um sentimento de amizade verdadeira.

Pouco ou quase nada aprendi sobre homossexualidade em meu curso de Psicologia. Fui efetivamente começar a compreendê-la, ao me dedicar ao trabalho de Educação Sexual, o que se deu logo no início da carreira. Desde quando saí para o Mestrado, já pensava que, após o mesmo, gostaria de me dedicar à pesquisa e à intervenção social no campo da homossexualidade e do aborto. Sempre foram duas questões que me atraíam fortemente. E por quê? Porque pesquisadores apaixonados pela Educação Sexual acabam por estar, necessariamente, envolvidos com a luta contra a opressão, contra a falta de liberdade e contra o sofrimento humano.

Minha área de investigação científica sempre foi e tem sido, mais particularmente, a Educação Sexual, atualmente, com destaque para a formação de educadores. Apesar de todo interesse e, embora seja coordenadora desta publicação, é importante esclarecer que não desenvolvo pesquisas aprofundadas sobre o tema da diversidade sexual.

Em momento algum, tenho a pretensão de convencer os leitores a aceitar as várias possibilidades de se viver a sexualidade. Cada um tem o direito de ter seus valores e isto é indiscutível. Porém, é preciso abrir-se para conhecer o que a ciência tem a dizer sobre a diversidade sexual e, principalmente, abrir-se para ouvir o que as pessoas que fogem aos padrões da heterossexualidade falam sobre sua vida e, sobretudo, suas conquistas, dificuldades e sofrimentos. A partir disto, é possível alcançar o grau de respeito por essa forma de diversidade.

Não é fácil compreender e aceitar a homossexualidade e toda a diversidade sexual. É um assunto que, geralmente, gera desconforto, na maioria das pessoas, porque envolve medo, por exemplo, de que os/as filhos/as possam vir a ser homossexuais e, às vezes, ansiedade. Por isso, para se livrarem de todo este desconforto, as pessoas evitam pensar no assunto e, como este comportamento elimina o desconforto, ele é mantido, deixando-se, assim, de conhecer verdadeiramente a questão.

Antes de prosseguir na leitura deste livro, proponho que reflita consigo mesmo:

- O que penso e o que sinto sobre a homossexualidade?
- Como me sinto diante de pessoas homossexuais?
- O que eu sei sobre homossexualidade?

DIFERENTES SERES

Artur da Távola

[...]

O diferente carrega desde cedo
apelidos e carimbos nos quais
acaba se transformando.

Só os diferentes
mais fortes do que o mundo se
transformaram (e se transformam)
nos seus grandes modificadores.

Os diferentes aí estão: enfermos;
paralíticos; machucados; gordos;
magros demais; bonitos;
inteligentes em excesso;
bons demais para aquele cargo;
excepcionais; narigudos;
barrigudos; joelhudos; pé grande;
feios; de roupas erradas;
cheios de espinhas; de
mumunha; malícia ou baba; os
diferentes aí estão, doendo e doando,
mas procurando ser, conseguindo ser,
sendo muito mais.

A alma dos diferentes é feita de
uma luz além. A estrela dos
diferentes tem
moradas deslumbrantes que eles
guardam para os poucos capazes de
os sentir e entender. Nessas moradas
estão os maiores tesouros da
ternura humana. De que só
os diferentes são capazes.

Jamais mexa com o amor de um
diferente. A menos que você
seja suficientemente forte
para suportá-lo depois.

CAPÍTULO II

DIVERSIDADE SEXUAL:
SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO E A
MUDANÇA DE ATITUDE

HISTÓRIAS DE VIDA

Nossas vidas são uma compilação de cada relacionamento que tivemos, em que cada um influencia e é influenciado pelo outro, formando um todo inter-relacionado.

Roles

Entre as muitas dúvidas que permeiam o tema da homossexualidade estão estas:

- A pessoa escolhe ser homossexual?
- Ou, em outras palavras: É uma questão de opção?

Costumo perguntar para as pessoas, num início de trabalho sobre este assunto: O que vocês sabem sobre esta questão? Posso responder, em nome da maioria: “Sabemos o que a vida nos ensina”. E o que a vida nos tem ensinado? A resposta é: “Preconceitos, tabus e mitos...”.

Além do que as sérias pesquisas científicas têm nos mostrado, encontraremos respostas a estas perguntas conhecendo e observando a vida de pessoas que são homossexuais, a vida das pessoas que “vivem na própria pele” o preconceito e a discriminação por assim serem.

A seguir, narro, de forma resumida, a história de vida de duas pessoas que assumiram publicamente a sua orientação sexual e têm, sobretudo, militado em prol dos direitos humanos, seja numa luta de grande alcance e visibilidade social, seja numa luta em seu entorno social cotidiano.

Este capítulo foi escrito pela professora Mary Neide Damico Figueiró, organizadora deste livro.

A História de Toni Reis

O apanhado de sua história está baseado no livro “Direito de amar: A história de um casal gay”, de autoria de Toni Reis e David Harrad (1996). Provavelmente, muitos tenham acompanhado pela mídia um pouco da caminhada do curitibano Toni Reis, de 41 anos, homossexual assumido, cuja mãe, em 1996, propôs-se a casar com seu companheiro inglês, David, para que este pudesse legalizar sua cidadania brasileira e assim possibilitar-lhe viver junto de seu filho, no Brasil.

Alguns lances da infância de Toni permitem-nos ver que a sua diferença dos demais meninos já começava a se manifestar, desde criança.

Quando pequeno, brincava de casinha com seu irmão, fazendo sempre o papel da mãe, arrumando a casinha, cozinhando, lavando a louça, enquanto seu irmão era o pai e brincava de caminhãozinho. Ia muito à missa; brincava também de padre, usando o vestido e os sapatos de sua mãe. Sobre sua catequista, Maria, comenta que ela: “Usava uma calça de veludo vermelha, boca de sino, com mais ou menos 70 centímetros de boca. Eu pensava: Se um dia eu crescer, gostaria de ter uma calça igual” (REIS; HARRAD, 1996, p.17). Nisto, já é possível perceber sua atração por coisas que têm sido mais comuns ao universo feminino. Toni não gostava de jogar bola e, quando pré-adolescente, era chamado de veado por isto. Ficava muito bravo, chegando mesmo a brigar.

A atração por pessoas do mesmo sexo começou a surgir, sem que ele tivesse controle, ou interferência. É o que fica ilustrado pela situação que vivenciou quando, em sua pré-adolescência, ficou muito excitado ao ver um grupo de jogadores de futebol, tendo ido logo em seguida masturbar-se:

Até minha adolescência não me sentia diferente de ninguém. Fazia tudo por instinto, não conhecia a palavra homossexualidade, muito menos seu significado. [...] Um dos fatos que marcou foi minha atração por um certo professor de educação física. Era bonito, loiro, alto,

forte. [...] Durante suas aulas não conseguia me concentrar nos jogos, por isso me sentia diferente dos outros. Fazíamos aula de educação física na praça central da cidade. No meio da aula, eu tinha que voltar para o colégio, ir para o banheiro e me masturbar, de tão excitado que ficava. Era muito desconcertante. Então, me dei conta da minha homossexualidade. Iniciou-se um martírio que só terminaria por volta dos vinte anos. (REIS; HARRAD, 1996, p.21)

Toni foi buscar em livros e revistas a resposta para suas indagações, para tentar entender o que se passava consigo próprio. Contou para sua mãe que sentia atração pelo professor e também por outros colegas da escola.

Falei para ela que eu tinha um problema no pênis, porque só ficava excitado por homens e não por mulheres. [...] Sentia-me muito infeliz e triste por causa deste problema, que não podia contar para ninguém. A partir daquele momento tomei consciência de que a sociedade não aceitava a homossexualidade e comecei a ter um complexo de culpa muito grande. (REIS; HARRAD, 1996, p.22)

Achando que o problema pudesse estar em seu pênis, sua mãe o levou a um urologista, Antonio Freire, da Policlínica de Pato Branco, como Toni faz questão de registrar. Numa consulta demorada e humanitária, o médico disse que se tratava apenas de ser uma pessoa homossexual e que nisto não havia nada de anormal, mas que a sociedade via como um desvio e que ele deveria esforçar-se para adaptar-se à ela, para bem conviver socialmente; aconselhou, para isto, o caminho do estudo e a busca de uma boa profissão.

Como o processo de auto-aceitação é moroso e difícil, não bastou o atendimento médico. Mais adiante, foi em busca de um padre, de um pastor e de um psicólogo. Em seu livro, de maneira até bem humorada, conta como foi esta sua trajetória. Conta, ainda, sobre seu relacionamento com David, que já dura 16 anos, bem como sobre vários outros fatos que marcaram a sua vida e a do David e que, por estarem já registrados num livro, não necessitam ser relatados aqui.

Quero apenas acrescentar mais uma rica parte de sua trajetória,

por ser muito oportuna no contexto dos objetivos deste livro: Quando fundou o Grupo Dignidade, em Curitiba, para militar no campo dos direitos sexuais e em defesa da cidadania homossexual, Toni Reis era professor numa escola da rede estadual, na região metropolitana de Curitiba. Ao ser veiculada a notícia, na imprensa local, todos na escola ficaram em polvorosa e o diretor lhe telefonou pedindo que não fosse à escola, o que não foi atendido. E nos conta como enfrentou a situação:

Pedi permissão para o diretor e a todos os professores e percorri todas as salas de aula falando: "Eu sou homossexual, realmente, não por opção e nem por escolha, porque se tivesse que escolher, escolheria a heterossexualidade. Ninguém iria escolher ser discriminado, ou ser motivo de chacota e eu não seria tão tolo de ter escolhido esse caminho por livre e espontânea vontade. É um fato da vida. Isso não muda em nada a nossa relação de professor e alunos e o respeito que temos uns pelos outros". Na maioria das salas eu fui aplaudido. Em uma delas, um rapaz, que era bastante machão, falou: "Professor, eu não gostava do senhor, mas admiro sua coragem. Se eu fosse homossexual, eu não teria a coragem de fazer o que o senhor fez". Depois disso, nos tornamos amigos no colégio. (REIS; HARRAD, 1996, p.93)

Toni é hoje um profissional bem sucedido, muito respeitado e querido na rede educacional e de saúde de Curitiba. É professor formado em Letras, especialista em Sexualidade Humana e em Dinâmica de Grupos. É presidente do Grupo Dignidade de Curitiba e Secretário Geral da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros. É mestre em Filosofia, na área de ética e sexualidade. E sobretudo, é muito amável, amigo e querido. Um grande homem!

A História de Robson R. R.

Sua história está baseada em entrevista autorizada por ele, concedida a Nathália G. Nascimento, estudante da 4^o série de Psicologia da UEL, em julho de 2006.

Robson, de 25 anos, solteiro, é uma pessoa comunicativa e cativante que participou, recentemente, de um dos Grupos de Estudos sobre Educação Sexual (GEES), na UEL. Quando o grupo já havia construído um forte sentimento de pertença e de confiança, assumiu, para o mesmo, que é homossexual e contou um pouco de sua história de vida, num encontro em que eu trabalhava o tema da diversidade sexual. Num contato posterior, perguntei-lhe se aceitaria contar a sua história para ser incluída neste livro, o que ele aceitou, autorizando, inclusive, citar seu nome.

Principalmente por conta da homossexualidade, infelizmente, sua vida também não foi nada fácil, nem na infância, nem na adolescência. Hoje, considera-se uma pessoa feliz, que se aceita e que se ama, bem integrada social e profissionalmente. Diferentemente de Toni, ainda não conseguiu ter a aprovação e a aceitação de sua família: *Não é que minha mãe não me aceita; acredito que ela gostaria que eu fosse igual aos meus irmãos: hetero, casar, ter filhos como manda a sociedade. Mesmo pensando assim, minha mãe me respeita, sempre tratou muito bem os meus parceiros; às vezes, até cuidava melhor deles do que de mim.*

Filho caçula entre cinco irmãos, não teve a presença do pai, que só conheceu há dois anos. Sua mãe sempre foi uma “mãezona”, dando-lhe de tudo, porém, muito ausente, devido ao trabalho. Nunca se deu muito bem com os irmãos, porque, segundo ele, dos cinco, é o único que não é filho do mesmo pai. Desde criança, brigava muito fácil, ficava irado, porque as crianças, em geral, dirigiam-lhe apelidos, como Capitão Gay, então, batia e brigava. As pessoas perguntavam se era menino ou menina, mas sua mãe não via diferença nele; no entanto, uma vez apanhou dela por ter vestido uma saia.

A partir de agora, a história passa a ser contada pelo próprio Robson e, por isso, será relatada na primeira pessoa, tal qual sua fala durante a entrevista. É uma forma de possibilitar ao leitor envolver-se inteiramente na narrativa.

Minha irmã, 12 anos mais velha que eu, sempre foi muito ruim comigo. Sempre fui uma criança que ficava muito trancada em casa. Minha irmã não deixava eu sair, nem ficar brincando com as outras crianças. Então, eu nunca fui uma criança de jogar futebol, de brincar de soltar pipa, de subir em tronco de árvores. Eu cresci cercado por mulheres. Minha vida toda eu brinquei com mulheres. Assim, eu não tinha vontade de brincar com os meninos e também não brincava porque minha irmã não deixava. Eu só brincava com as meninas, minhas vizinhas. Uma vez, até me lembro como se fosse hoje: minhas vizinhas tinham boneca e eu não podia ter bonecas. Então minha vizinha tinha um milharal e eu ia para este milharal para fazer bonequinhas de milho para poder brincar.

Na época da adolescência, 12 e 13 anos, eu sofri muito, mas muito mesmo, por causa de preconceito. [...] Eu também apanhei muito na rua. Uma vez me chamaram de veado e eu fui agressivo também. Nossa, eu apanhei de uma turminha. Tinha vezes que eu dava conta de bater também. Minha adolescência foi sempre assim.

Também tive problema com professores. O primeiro foi quando eu tinha mais ou menos uns 13 anos. Eu tive um tumor nas costas e estava com medo dele ser maligno. Na época eu fiquei muito nervoso por conta disto. Então, eu briguei com uma professora e ela expôs para a sala que eu tinha um problema, que eu era muito nervoso por causa da minha orientação sexual, porque eu ficava reprimindo o que tinha dentro de mim e não assumia. Nossa, eu briguei muito com ela. Tive problema com a escola, com a diretora.

O outro problema com professor, foi com o de basquete. Eu era um ótimo jogador de basquete; era pivô. Porém teve uma vez que eu estava com muita dor no braço e não conseguia arremessar a bola na cesta. Foi então que ele disse que isto era coisa de veado. Eu arremessei

a bola no nariz dele. Nossa! Não se podia falar este nome para mim, eu tinha trauma: Veado, bicha. Até hoje não gosto que usem estes termos. Doeu muito (emocionalmente). Preferia que tivessem me batido ao invés de ter ouvido estes nomes. Estas palavras ficaram bem marcadas na minha vida.

Quando eu tinha 15 anos, fui pela primeira vez numa boate gay. Até aí, eu já tinha tido relação sexual, namoradinho. Eu namorava uma menina e ele namorava outra menina. Mas, a gente começou a gostar um do outro. Nós namorávamos as meninas e depois saíamos para namorar escondido. Estávamos com as meninas para fazer "linha", fazíamos muita "linha", porque aparentemente ele tinha namorada e eu também. Sempre foi muito estranho namorar meninas. Eu tentava namorar meninas para ver se eu tirava isto de mim.

[...] Eu era muito de igreja e fazia parte de um grupo de oração. Fui até coordenador de um grupo. Só que depois de um tempo, eu falei que era homossexual. Fizeram até uma reunião para me tirar da coordenação. Foi péssimo. Então, eu resolvi sair por conta própria. Depois disso, eu parei de frequentar a igreja e caí no mundo. Fiz tudo o que o mundo oferecia, drogas, bebidas, diversão. [...] E com todos estes acontecimentos, eu resolvi assumir que era gay, porém, menos para minha família.

Porque por muito tempo eu me culpei, chorei por ser assim. Eu me trancava no quarto, tirava a roupa e falava: "Aí meu Deus, se eu tenho este corpo (masculino), por que eu gosto de menino e não de menina?" Procurei tudo o que se possa imaginar. Fui à igreja evangélica, ao centro de candomblé, ao psicólogo. [...] Eu fui ao centro de macumba e falaram que eu tinha uma "pomba-gira" de duas cabeças. Estas faziam que eu fosse seis meses homem e seis meses mulher. Naquele tempo, fiquei com aquilo na cabeça e como eu participava da igreja, eu pedi para eles fazerem uma oração na minha cabeça para ver se a "pomba-gira" saía de mim.

Eu não me aceitava. Até porque eu tinha o sonho de casar, esperar minha noiva no altar, naquela coisa toda de casamento e ainda ter filhos.

Robson conta um caso de um namoro, já terminado, com um rapaz, quase dez anos mais velho, que quando sua família descobriu, vindo à tona o fato de ele (Robson) ser gay, foi um transtorno; houve muito desentendimento com os irmãos e com a mãe e ele acabou saindo de casa. Seus irmãos acabaram maltratando e agredindo fisicamente seu namorado, inclusive, prendendo-o, já que um de seus irmãos é policial. Afirma que, até hoje, a mãe tem vergonha dele e os problemas com a sua família continuam, ficando, por esta razão, muito distante do círculo familiar.

A minha irmã, por muito tempo, pegou minha roupa para lavar com cabo de vassoura, dizendo que tinha nojo de mim, e que eu não era mais irmão dela, [...] Até hoje eu sei que ela tem vergonha de mim; a gente conversa, mas eu sei que ela ainda tem vergonha. [...]

Graças a Deus, tenho bons amigos e pessoas do meu lado que me adoram. [...] O problema que eu tive e que a maioria dos homossexuais tem, não é com o preconceito de fora, e sim com o preconceito de dentro de casa, da família, que é o pior. É o que machuca mais. Pensa que eu não queria ter a minha mãe perto de mim? Eu operei recentemente do estômago, e meus amigos que cuidaram de mim. Ninguém da minha família veio me ver. Foi aí que eu senti falta, foi muito ruim. Por mais que eu seja rodeado por amigos, sei a falta que a minha família me faz.

Meus irmãos não gostam muito que eu converse com meus sobrinhos com medo de eu influenciá-los. É a maior barra. Só eu sei o que eu passo. As pessoas têm tanto orgulho de mim, mas minha família... Só que minha mãe sabe o filho que tem, no fundo ela sabe. Só que ela não aceita a minha orientação sexual. Eu falei estes dias para ela, que ela era preconceituosa, mas ela disse que não. [...] Ter vergonha para ela não é ter preconceito.

Como já disse, eu tinha revolta por ser homossexual. Até que quando voltei para... (sua cidade atual), eu tive vontade de voltar a mexer com as coisas da igreja. Então eu montei um grupo em um bairro distante; para se ter uma idéia, não tinha igreja no bairro. E como estudei Teologia, e muito a bíblia, eu a conhecia de cabo a rabo.

Enfim, mas este grupo cresceu muito. Fazíamos muitos grupos de oração, nos reuníamos para rezar o terço. Começamos até a fazer um monte de coisa para construir a igreja. Só que, eu resolvi me confessar com um padre, que na época era daqui e que se achava pop star. Eu falei para ele que eu era homossexual. E ele disse que eu iria levar o nome da igreja para a lama, que a homossexualidade não é pecado, que pecado é a prática. E onde já se viu, um coordenador da igreja ser homossexual e viver esta vida de promiscuidade?!

Eu mostrei para ele a minha visão, disse que não via como pecado. Então, ele me disse que ele não iria me absolver do meu pecado. E até hoje eu não tomo eucaristia. E ainda ele falou a minha confissão na rádio: - "Eu queria falar para o Robson, que eu tive um problema com ele. Robson, Jesus te ama independente da sua opção sexual". Imagina falar isto em rádio?! Então, me revoltei de novo com a igreja. Agora eu vou pelo menos uma vez por ano. Eu penso assim: vou numa festa e não vou comer o bolo?! É a mesma coisa com a igreja: vou à missa e não vou tomar a eucaristia? Eu acredito muito nas doutrinas da igreja. Eu fui criado dentro destas doutrinas. Eu acredito muito na eucaristia: o corpo e sangue de Cristo. E sei que não pode tomar a eucaristia em pecado. E eu não fui absolvido por aquele padre. Inclusive, procurei outro padre para me confessar, mas me falaram que só aquele padre pode me dar a absolvição.

[...] Se você vir eu e meu namorado, você vai achar legal. Porque existe muito respeito, cumplicidade, amor, carinho. A gente se fala todo dia, várias vezes por dia, até mesmo só para dizer bom dia, estas coisas fofas de namoro. Não é só sexo, como as pessoas pensam. [...]

Hoje tenho uma vida estável. Moro sozinho, quer dizer eu e a Betânia, minha cachorra da raça rotweiler. Tenho o meu emprego, minha independência. Na verdade, acho que sou precoce por ter conquistado tudo isto com a idade que tenho. Eu levo uma vida boa, não tenho do que reclamar. Sei também que muita coisa que aconteceu comigo na vida é resultado do que eu mesmo plantei. Eu colhi muita coisa que plantei (fala do seu envolvimento com droga e prostituição, ambos já deixados para trás). Por exemplo, ver todo o sofrimento

que minha mãe passou. Se eu pudesse voltar atrás, eu não teria contado para ela que eu era homossexual. A dor é muito grande. Minha mãe ficou com tanta revolta das pessoas, com medo de eu ser apontado na rua. Eu sei que ela tenta me proteger desta sociedade. Porque realmente a gente escuta várias histórias, pessoas que já sofreram muito e que já morreram vítimas do preconceito e da violência por serem homossexuais. Então, minha mãe morre de medo destas coisas acontecerem comigo.

[...] Em todo o tipo de lugar que eu vou, sou respeitado. As pessoas têm carinho por mim. Como eu trabalho com a sexualidade e DST, eu vou a todo o tipo de lugar. Traficantes, travestis, donos de empresa, funcionários, todos me tratam muito bem. [...]

Nunca fui ativista, nunca fiz parte de ONG. Mas eu brigo muito por meus direitos de cidadão. Sou contra a parada gay, porque não acredito que esta seja a forma de conquistarmos o respeito das pessoas. A parada gay hoje se tornou uma festa. Muitas pessoas vão lá, ficam andando sem camisa, se exibindo, beijando todo mundo. E isto não é legal. Escandaliza as famílias e as afasta de conhecerem realmente a nossa realidade do dia a dia.

[...] E não gosto de rotular, ou classificar as pessoas por sexo. Acho isto ridículo. Porque independente de qualquer coisas elas são seres humanos. E eu por trabalhar na área de saúde, aprendi a não ter preconceitos, aprendi como tratar um ser humano, independente de ser bandido, se matou ou não. É ser humano, digno de respeito.

Robson é formado como técnico de enfermagem e trabalha com o programa DST- Aids há quatro anos, na Secretária Municipal de uma cidade paranaense. É hoje um profissional bem sucedido, muito respeitado e querido na rede de saúde pública de sua cidade. Diz com muito orgulho: “Sou conhecido na cidade e as pessoas se referem a mim como o Robson da Saúde e não como Robson Gay, e as pessoas sabem que eu sou gay”. Tem como meta cursar Faculdade. É, sobretudo, uma pessoa cujo contato nos enriquece. Um grande homem!

Refletindo a partir das Histórias de Vida

É possível encontrar narrativas sobre história de vida de pessoas homossexuais, em várias obras, como é o caso, por exemplo, do livro “Crônicas de um gay assumido”, de Luiz Mott (2003) e do livro “Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo”, de Andrew Sullivan (1996). Ambos narram a sua vida pessoal com as dificuldades e as conquistas que marcaram toda a trajetória.

Após o relato das duas histórias de vida, aqui apresentadas, alguns pontos merecem ser destacados para reflexão. Em primeiro lugar, as histórias de Toni e de Robson ajudam-nos a pensar a questão inicialmente colocada neste capítulo: se a homossexualidade seria, ou não, uma opção. De acordo com a vida de ambos, ficou claro que ser homossexual não é opção, mas é algo que está fortemente imbricado na identidade pessoal. Neste sentido, há uma fala de Sullivan (1996), que gostaria de destacar:

Certa vez me perguntaram, num grupo conservador, que prova eu tinha que o homossexualismo [homossexualidade] é muito mais uma orientação do que uma escolha, e fui obrigado a responder com muita simplicidade: a minha vida. (p.21)

Dependendo da leitura que se faz da palavra escolha, talvez se possa dizer que, em algum grau, a escolha pode se fazer presente. Assim, podemos considerar que há uma dose de escolha, quando falamos em decidir viver o que se é, não sujeitando-se, cegamente, aos processos de normatização que a sociedade criou, mas permitindo-se perceber a si próprio/a, seus desejos, seus sentimentos para, finalmente, permitir-se viver como pessoa por inteira.

Reforçando esta questão, vale a pena citar um outro argumento apresentado por Sullivan (1996): “Se tivessem opção, muitos homossexuais prefeririam não o ser – o que é uma boa prova de que não existe opção” (p.22).

Em segundo lugar, foi possível perceber que o sofrimento se fez

presente na vida, tanto de Toni, quanto de Robson. Será que o sofrimento faz parte da infância e da adolescência de todas as pessoas homossexuais?

Andrew Sullivan, ao narrar a sua trajetória de vida, também sofrida, nos apresenta uma ponderação oportuna sobre esta questão:

Devo acrescentar que muitos jovens homossexuais e lésbicas, ao que parece, tiveram uma vida muito mais fácil. Para muitos, a questão da identidade sexual [orientação sexual] não foi um fator crítico [...]. Talvez devido a uma educação menos repressora, ou a uma facilidade natural de lidar com o mundo, eles aparentavam estar à vontade com seu destino e ter um desejo de abraçá-lo. (SULLIVAN, 1996, p.20)

Esta afirmação contribui para não incorreremos numa generalização indevida. A maioria dos estudos desenvolvidos sobre o tema, tais como Mott (2003a), Nunan (2003) e Riesenfeld (2002), entre outros, permitem-nos concluir que o sofrimento, comumente, manifesta-se na vida da maioria dos homossexuais, devido à forma preconceituosa pela qual este assunto é visto pela sociedade, e, ao mesmo tempo, devido ao desconhecimento do mesmo, seja pelas famílias, pelos educadores, assim como pelos vários profissionais, entre eles, médicos, psicólogos e psiquiatras.

Quando perguntei ao Robson se ele aprovaria a inclusão de sua história neste livro, após responder prontamente que sim, comentou que não gostaria que sua história provocasse sentimento de pena, de compaixão, nas pessoas e que não é isto que os homossexuais esperam da sociedade. Afirmou que, embora tivesse sofrido, sente que crescerá muito como pessoa e se considera feliz por ser como é.

O terceiro ponto é quanto à questão de que tanto Toni quanto Robson, na infância, gostaram de atividades e brincadeiras tidas, como mais comuns, ou como pertinentes ao grupo feminino. Isso não pode nos conduzir ao raciocínio simplista de achar que todo menino que tem prazer nas atividades cultuadas como femininas é ou será homossexual, ou que toda menina que gosta de atividades e brincadeiras mais comuns ao sexo masculino é ou será lésbica. O que

precisamos é do esforço dos educadores, incluindo aqui as famílias, no sentido de desconstruir a divisão social de atividades, segundo o sexo, e oportunizar que as pessoas possam fazer aquilo que lhes dê prazer e aquilo que, muitas vezes, cabe a todos desempenhar, segundo o lema de um viver comunitário. Em seu livro: "Menino brinca de Boneca", Ribeiro (1991) trabalha, de forma interessante, a proposta de eliminar a divisão das brincadeiras, bem como das demais atividades ou costumes que fazem parte do cotidiano da vida familiar, social escolar e profissional. Semelhante proposta é encontrada em outras publicações, como no Caderno de Apoio para educadores, intitulado: Gênero e Educação (SÃO PAULO, 2003).

Um quarto aspecto a ser explorado diz respeito ao fato de Robson ter crescido cercado por mulheres. Este é um dos mitos ligados à homossexualidade, mas é algo que sempre aconteceu e vem acontecendo, certamente, na vida de vários homens heterossexuais e nem por isto mudou ou muda sua orientação, o que mostra que não é um fator isolado, mas sim um conjunto de fatores que contribuem para a consolidação da homossexualidade, assim como da hetero. Da mesma forma, a história de Robson reporta-nos ao mito do pai ausente como sendo um fator responsável por tornar o filho homossexual; pode ser um fator que se soma. Sobre esta parte de sua história, Sullivan (1996) assim comenta: "Tive uma relação muito próxima com minha mãe e um tanto distante com meu pai. [...] Na adolescência eu guerreava com meu pai e ficava do lado da minha mãe nas brigas familiares" (p.16). A seguir, complementa sobre sua proximidade com a mãe e o distanciamento de seu pai, dizendo:

Porém, o mesmo aconteceu com muitos heterossexuais. Tanto meu irmão como minha irmã cresceram no mesmo ambiente, e nenhum dos dois se tornou homossexual. Muitos meninos heterossexuais têm uma intensa ligação com a mãe, e procuram recriá-la depois nas mulheres que irão amar. (SULLIVAN, 1996, p.16)

Finalmente, ficaram claras, na história de Robson, as implicações do despreparo dos professores e de líderes religiosos diante da diversidade sexual, o que dispensa comentários, pois o depoimento dele fala por si só.

EDUCAÇÃO SEXUAL: FUNDAMENTOS BÁSICOS

Não se faz educação sexual sem diálogo, porque o próprio sexo é uma das formas mais perfeitas de diálogo, quando duas pessoas se comunicam através do corpo.

Roberto Wusthof

Educação Sexual refere-se a

toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual. (FIGUEIRÓ, 2001, p.xviii)

Sempre que interagimos com uma pessoa, seja ela, criança, adolescente, adulto ou idoso, e lhe ensinamos algo (mesmo que não intencionalmente) a respeito da sexualidade, do corpo e do relacionamento humano, estamos educando sexualmente. Assim, ensinamos por meio de nossas atitudes, de nossos exemplos, de nossa forma de nos relacionarmos com o outro e de como nos portamos como homens ou como mulheres. Isto constitui uma maneira informal de educar que se traduz, também, pelo modo como lidamos, no dia a dia, com as situações que envolvem a sexualidade; nesses momentos, passamos uma imagem positiva ou negativa da sexualidade e, por isso, podemos dizer que estamos educando (FIGUEIRÓ, 1999).

Temos, portanto, dois tipos de Educação Sexual: informal, a qual acabei de descrever, e formal, que consiste num trabalho intencional, de ensino sobre as questões da sexualidade. Às vezes, o ensino formal pode ser planejado com antecedência, ou pode acontecer mesmo sem um planejamento prévio, a partir de alguma situação específica que nos possibilita criar um momento intencional de ensino-aprendizado.

Podemos dizer que todos somos educadores sexuais, pois ensinamos algo sobre a sexualidade às pessoas que nos rodeiam, mesmo sem percebermos, ou sem desejarmos fazê-lo. Em função disto, é importante que, em cada escola, todos os profissionais envolvam-se num processo de reflexão e estudo sobre a Educação Sexual, mesmo que vários deles não se sintam aptos, ou não desejem trabalhar o assunto, de maneira formal, com os alunos.

É no processo da Educação Sexual informal que ajudamos a perpetuar tabus, preconceitos e discriminações, ou que, pelo contrário, ajudamos a desfazê-los. Por este meio, especialmente, é que repassamos preconceitos e idéias negativas a respeito do relacionamento afetivo-sexual, das prostitutas e dos homossexuais masculinos e femininos, e dos transgêneros (travestis e transexuais), ou, ao invés disto, contribuímos para a construção de uma imagem positiva da sexualidade e para a promoção da cultura do reconhecimento da diversidade sexual.

Alguns se perguntam: Mas de quem é a tarefa da Educação Sexual? Não seria da família? Sim, é tarefa, primordialmente, da família, que, às vezes, de forma positiva, outras vezes, de forma negativa ou omissa, acaba educando, transmitindo seus valores e sua forma de encarar a sexualidade, o modo de vivê-la, bem como os valores morais. Mas é, ainda assim, função da escola, sempre, educar sexualmente, porque ela é responsável pela formação integral do aluno, e isto inclui não apenas sua formação intelectual, mas, também, sua formação moral e afetiva.

É direito do aluno conhecer sobre seu corpo e sobre a sexualidade. É direito do aluno ter oportunidades para pensar criticamente sobre todo o conjunto de valores e normas morais que a sociedade cria em torno da sexualidade e, a partir de daí, poder formar sua própria opinião e estar devidamente preparado pra tomar decisões sobre sua vida sexual, com liberdade e responsabilidade. Isto implica num processo de construção da autonomia moral, em que se possibilita, ao aluno, construir seus próprios valores e ser sujeito de sua sexualidade.

Educação Sexual é muito mais que aulas sobre a Biologia e a Fisiologia da sexualidade; refere-se a propiciar oportunidades para discussões, reflexões, debates em grupo, com os colegas, coordenados por um educador. Neste processo, é muito importante o espaço que se disponibiliza para trabalhar dúvidas, sentimentos, emoções, atitudes e valores.

Algumas condições são necessárias para que a Educação Sexual seja desenvolvida com êxito, nas escolas, ou em qualquer outra instituição. Uma delas é que se comece desde cedo, com a criança ainda pequena, no período escolar atualmente denominado Educação Infantil. A outra, é o “preparo” dos educadores, tanto em sua formação inicial (nos cursos de graduação das Universidades), como em sua formação continuada, ou seja, no momento de sua atuação profissional. Para a compreensão destas e das demais condições, sugiro a obra de minha autoria: “Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível” (FIGUEIRÓ, 2006).

Finalmente, é importante destacar que a Educação Sexual deve estar voltada para a meta principal de todo ser humano, qual seja: ser feliz.

HOMOSSEXUALIDADE: ESCLARECIMENTOS BÁSICOS¹

As pessoas geralmente temem aquilo que não entendem, e odeiam aquilo que temem.

Grupo Gay da Bahia

QUESTÃO DE OPÇÃO? Há quem pense que o indivíduo escolhe ser homossexual e isto não é verdadeiro. Não é questão de opção; é questão de sentimento, pois a pessoa sente desejo e, muitas vezes, apaixonase por alguém do mesmo sexo, independente de sua vontade, de sua

¹ Este texto foi publicado, inicialmente, no Jornal Terra Vermelha (FIGUEIRO, 2003), da Universidade Estadual de Londrina, tendo sido revisto e ampliado para compor este capítulo.

escolha, da mesma forma como um heterossexual sente atração e apaixona-se por uma pessoa do sexo oposto e não sabe explicar porque sente tal atração, não conseguindo mudar essa situação, mesmo que quisesse. É possível garantir que não é opção, primeiramente, porque ninguém escolheria o caminho do sofrimento, pois ser homossexual, na maioria das sociedades, é ser vítima de opressão, desprezo, desamor e incompreensão.

Em segundo lugar, homens ou mulheres, quando começam a perceber que são homossexuais, sofrem, lutam contra esse sentimento, porque aprenderam, desde pequenos, que nossa sociedade aprova apenas o padrão de relacionamento homem-mulher. Sentindo-se "diferentes", sabem que terão que enfrentar dificuldades e temem perder o amor dos pais, dos irmãos, dos amigos... Muitos pensam em suicídio. Na faixa etária de 13 aos 18 anos, é significativamente maior o número de suicídios praticados entre adolescentes homossexuais, que entre adolescentes heterossexuais. Se a homossexualidade fosse aprovada socialmente, tanto quanto a heterossexualidade, não haveria sofrimento em perceber-se uma pessoa homossexual.

Ao invés de se falar em opção, o correto é dizer que a orientação da pessoa é homossexual, evitando, portanto, o uso do primeiro termo.

DOENÇA? Não. A homossexualidade não é doença. Embora, desde a 2ª metade do Século XIX, a Medicina, a Psiquiatria e a Psicologia a tenham apontado como doença, em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria afirmou que é antiético tentar mudar a orientação sexual de um gay. Em 1984, a Associação Brasileira de Psiquiatria opôs-se a qualquer discriminação e preconceito contra gays e lésbicas. No mesmo ano, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e, no ano seguinte, o Conselho Federal de Medicina, proibiram a classificação como desvio ou doença. Em 1990, a OMS retirou a homossexualidade da CID (Classificação Internacional de Doenças). Portanto, a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão.

Hoje, os estudos falam em homossexualidade e não homossexualismo, justamente porque algumas palavras com final *ismo*

dão idéia de doença, como no caso de alcoolismo e raquitismo, por exemplo. Então, é importante usar apenas o termo homossexualidade.

Atualmente, psicólogos e psiquiatras conscientes buscam tratar do sentimento de culpa, do sofrimento emocional e da baixa auto-estima que, geralmente, o/a jovem homossexual tem, por viver a discriminação e o preconceito. O terapeuta procura ajudá-lo/a a se conhecer e a descobrir se realmente é um/a homossexual e, se o for, ajuda-o/a a caminhar no sentido da aceitação pessoal de sua orientação sexual e, conseqüentemente, da busca do equilíbrio psíquico e do bem estar.

Segundo o Código Penal Brasileiro, homossexualidade não é crime. Até 1998, 74 cidades brasileiras já possuíam leis que proíbem a discriminação por orientação sexual, com previsão de punição e multas pesadas. Em maio de 2002, na cidade de Londrina, foi criada esta lei, por iniciativa da vereadora Elza Correia.

NATUREZA? INSTINTO? Muitos têm idéia de que a pessoa já nasce homossexual, o que não é verdadeiro, pois a pessoa não nasce homossexual, ela se torna homossexual, devido a vários fatores. Todos nós, ao nascer, podemos nos tornar homo ou heterossexuais. A identidade sexual, ou seja, o identificar-se como homem ou mulher, forma-se nos primeiros anos de vida, possivelmente, até o segundo ano². Já a orientação sexual, ou seja, a atração sexual por uma pessoa, de sexo igual ou diferente do seu, irá estruturar-se, mais concretamente, no início da adolescência e mesmo durante toda a adolescência, embora a pessoa já vá recebendo influência desde os primeiros anos de vida, em especial, do relacionamento familiar com

² Segundo Tucker e Money (1981), quando a identidade sexual é concluída, a criança tem registrado em sua consciência, que é homem ou mulher e, partir deste momento, o portão da identidade sexual se fecha firmemente. Isto ocorre antes de a criança "completar três anos ou no máximo quatro" (p.104) A elaboração da identidade sexual pode demandar um pouco mais de tempo para alguns hermafroditas, transexuais ou homossexuais primários. "Apenas um travesti com duas personalidades e duas identidades sexuais pode reverter a direção [da identidade sexual] após os primeiros anos" (p.104).

o pai e com a mãe. Fatores de ordem hormonal, ou genética, ou do período de formação embrionária podem se fazer presentes, em vários casos, mas não se pode crer na influência de fatores isolados e únicos.

O que a ciência afirma, seguramente, é que a homossexualidade é multideterminada e que a cultura, o relacionamento familiar e a história de vida de cada pessoa são fatores de peso. Esta multideterminação também se dá com a heterossexualidade e com a bissexualidade.

Resumidamente falando, não se deve conceber a homossexualidade, assim como a heterossexualidade e a bissexualidade, como inatas. Todas as três orientações sexuais envolvem um processo de construção pessoal, sob a influência do ambiente familiar, social e cultural, assim como dos fatores biológicos. Esta é uma concepção construtivista da homossexualidade, adotada neste livro, e que diverge da concepção essencialista, que compreende a homossexualidade como algo pronto, determinado biologicamente, que a pessoa traz consigo ao nascer.

Preocupar-se com causas acaba remetendo à visão de doença e, conforme propõem Barroso e Bruschini (1991):

é mais interessante assumirmos uma atitude humanista de respeito e compreensão perante todos os nossos semelhantes, sem nos importarmos com a forma como realizam sua vida íntima, nem tampouco com o sexo, cor, crença ou ideologia política da pessoa que amam. (p. 77)

O PROCESSO – Segundo estudos de G. Sheely (1985, apud MÜLLER, 2000), há quatro momentos no processo de elaboração da orientação sexual de uma pessoa homossexual:

- Primeiro, o sentir-se diferente. Comumente, isto se dá dos 8 aos 13 anos, aproximadamente. É um processo de lenta descoberta da tendência homossexual, que vai se dando com débil intensidade, acompanhado de fantasias, pensamentos e sonhos de colorido homossexual. O sentimento de ser diferente vai se intensificando gradualmente até os 17 anos.

- Segundo, o conseguir entender em que consiste esta diferença. É quando se consegue identificar que se trata de uma atração pelas pessoas do mesmo sexo, enquanto a maioria sente atração pelo sexo oposto. Acontece uma crescente tomada de conhecimento dos próprios sentimentos homossexuais.
- Terceiro, o reconhecer-se como sendo uma pessoa homossexual. Tanto este, quanto o momento anterior, acontecem por volta dos 13 aos 20 anos, aproximadamente.
- Quarto, o aceitar-se como sendo homossexual – ocorre por volta dos 20 aos 30 ou 40 anos.

Infelizmente, sabe-se que muitos não atingem o estágio de aceitação pessoal. Pode acontecer de um indivíduo ser homossexual desde sua adolescência, reconhecer-se como tal, mas só vir a aceitar-se por volta dos 45 a 60 anos, devido à repressão cultural e à repressão que impôs a si próprio. Uma pessoa heterossexual pode tornar-se homossexual numa fase mais tardia da vida, assim como uma homossexual pode, também, passar a ter sentimentos heterossexuais, com uma idade mais avançada.

Algumas pessoas homossexuais esforçam-se por não viver sua orientação sexual, às vezes, envolvendo-se num relacionamento heterossexual, chegando, comumente, ao casamento; porém, se de fato forem homossexuais, não conseguirão envolver-se, satisfatoriamente, com uma pessoa do outro sexo, pois o desejo pelo mesmo sexo é forte, faz parte de sua identidade pessoal e não desaparece. Apenas o bissexual, ou seja, aquela pessoa que sente atração tanto pelo mesmo sexo quanto por alguém do outro sexo, pode conseguir um envolvimento satisfatório com alguém do outro sexo; mesmo assim, seu desejo por um igual não desaparece.

Mesmo um/a homossexual que decide viver a abstinência sexual, como no caso de religiosos/as, por exemplo, depois de reconhecer sua orientação sexual, precisa aceitar-se como homossexual, pois isto é fundamental para seu desenvolvimento psicológico e mental, na fase adulta. Aceitar-se não implica em praticar a sua homossexualidade, mas faz parte do conhecer-se, acolhendo seus sentimentos e amando a si próprio (MÜLLER, 2000).

Há pessoas homossexuais que assim se assumem, mostrando publicamente que o são, porém, não se aceitam, e isto tende a gerar sofrimentos.

Jovens homossexuais precisam entender que esta orientação é parte natural da riqueza e da amplitude da sexualidade e necessitam de ajuda de pessoas amigas e de profissionais para que possam falar abertamente de si, conhecer-se e reconhecer-se para, finalmente, aceitar-se.

Costuma-se fazer associação entre comportamento homossexual e comportamentos depravados, falta de caráter e personalidades perturbadas psicologicamente. Entre heterossexuais, estas formas de conduta também existem, uma vez que muitos deles são violentos, de mau caráter e capazes de trazer prejuízos ao bem-estar social. Ser homossexual não tem nada a ver com perturbações psíquicas e mentais; pode ser uma pessoa de caráter, bom profissional, viver bem um relacionamento amoroso, ter amigos, ser feliz etc, como toda e qualquer pessoa. Exemplos na história e na sociedade atual não nos faltam; basta se dispor a vê-los.

Quando a orientação homossexual está arraigada na pessoa e em seu psiquismo, falamos em homossexualidade primária, ou de profundidade. Neste caso, o apaixonar-se vai se dar apenas pela pessoa do mesmo sexo, influenciando, fortemente, os rumos das experiências de vida da pessoa. Há, ainda, a homossexualidade secundária, ou também denominada de circunstancial, ou "de superfície", na qual a atração homossexual se dá de maneira não tão rigorosa e está associada às circunstâncias, muitas vezes, passageiras³. Pode se dar como consequência de carências devido à falta de parceiros do sexo oposto, como é caso de pessoas que vivem muito tempo em prisões,

³Tucker e Money (1981) falam em 3 tipos de homossexualidade: a transitória ou episódica, que corresponde à secundária, descrita por Müller; a crônica, que é semelhante à anterior, porém, definitiva, por se dar em pessoas que não terão outra possibilidade de contato com parceiros do sexo oposto, como é o caso de condenados à prisão perpétua. E, finalmente, a homossexualidade compulsiva, que corresponde à primária, definida por Müller. Considerando inadequada a designação de compulsiva, defendo o uso do termo homossexualidade primária.

quartéis, conventos ou seminários. Pode se dar, também, devido à inibição e ao acanhamento para relacionar-se com o sexo oposto (MÜLLER, 2000).

Há um outro entendimento que se pode fazer da homossexualidade de superfície, relacionando-a, simplesmente, à possibilidade ou às oportunidades de contatos entre pessoas do mesmo sexo. No atual contexto histórico, segundo nos aponta Ferreira (2004), os rapazes têm tido muitas oportunidades, em espaços sociais variados, de experienciar o corpo de outro homem, cada vez mais cedo, porém, afirma que “o destino desta precocidade nem sempre será a elaboração de uma identidade homossexual ou mesmo a identificação de si mesmo como homossexual” (p.45).

A DIVERSIDADE – Homossexual é a pessoa que sente atração afetiva e sexual por alguém do mesmo sexo. Em primeiro lugar, é útil esclarecer que um homossexual masculino, ou gay, sente-se homem, gosta de ser homem e não rejeita seu órgão sexual masculino. Da mesma forma, uma homossexual feminina, ou lésbica, sente-se mulher, gosta de ser mulher e não deseja ser homem. Neste ponto, encontra-se um grande equívoco, pois as pessoas acham que eles querem ser do outro sexo. Definitivamente não. Mesmo comportando-se de uma forma mais “masculinizada”, segundo os padrões ditados pela sociedade, a maioria das lésbicas sente-se mulher e gosta de ser mulher.

Segundo o antropólogo Dr. Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB), especificamente no Brasil, há três tipos de homossexuais masculinos: gays, travestis e bofes, sendo os dois últimos ligados à prostituição.

Os gays podem ser de dois tipos: os enrustidos, dos quais se costuma dizer que “ficam na gaveta”, e os assumidos. Entre os assumidos, há a “bicha louca” (rapaz efeminado ou “desmunhecado”), que é o indivíduo que “dá bandeira”, que “arrasa”, e os entendidos, que não recorrem a trejeitos caricaturais excessivos, e que se assumem publicamente, muitas vezes, conseguindo realizar-se na profissão e impor-se socialmente (MOTT, 1996).

Travestis são pessoas que têm prazer em usar roupas do outro sexo, em agir socialmente com modos do outro sexo, e em se identificar e assumir vários comportamentos “opostos”. Não significa a negação do seu sexo genital; não rejeitam seu pênis. A travesti é um homem que se veste de mulher e, socialmente, é do gênero feminino, ou seja, comporta-se como mulher; algumas sentem-se psicologicamente mulher, outras, homem.

As travestis podem ser de três tipos: as transformistas – vestem-se de mulher para shows, mas de dia são gays; os “de noite é Maria, de dia é João” – durante o dia são homens comuns e durante à noite travestem-se. Tanto um quanto o outro não têm alterações femininas definitivas no corpo, pois vivem como rapazes. E, finalmente, o terceiro tipo é a “travesti de pista” – muitas feminilizam os seus corpos com hormônios, silicone e têm nomes femininos, tendo, como clientes, homens e rapazes (MOTT, 1996).

Bofes, o terceiro tipo de homossexuais masculinos, segundo Mott (1998), são homens e rapazes com aparência masculina, que não se assumem gays, embora sejam, e que transam com gays e travestis. Um de seus sub-tipos é o conhecido como bofe profissional, também chamado de michê. Os bofes praticam homoerotismo, mas não se aceitam; desprezam os homossexuais. Alguns são agressivos e chegam a matar seus companheiros.

Edvaldo Souza Couto (1999), em seu livro: “Transexualidade: o corpo em mutação”, faz uma descrição mais simples e concisa da diversidade sexual, diferente, em alguns pontos, da descrição apresentada por Mott. Ele descreve cinco campos de denominações, a saber:

Homossexualidade:

Por definição, o homossexual é alguém que, sabendo pertencer a um sexo, masculino ou feminino, procura outra pessoa do mesmo sexo, como objeto erótico. Não tem o intuito de mudar de sexo nem o repudia. Ao contrário, tem prazer em usar a sua genitália. (COUTO, 1999, p.21)

Travestismo: “É o porte deliberado de roupas e acessórios culturalmente consagrados ao sexo oposto, para alguns com o fim de excitação sexual, para outros, como forma de pertencer publicamente ao outro gênero” (COUTO, 1999, p.22). Neste caso, não há a negação do seu genital e pode ser praticada por pessoas de ambos os sexos.

Transformismo: “É a arte de fazer uso de vestimentas do sexo oposto para desempenhar melhor um personagem. Os artistas podem ser homossexuais, heterossexuais ou bissexuais” (COUTO, 1999, p.24).

Drag Queen: “São homens que se vestem de mulher para sair à noite, nos clubes. Não pretendem se passar por mulheres, querem apenas se divertir” (COUTO, 1999, p.25). Também podem pertencer a qualquer uma das três orientações. Diferenciando drags de travestis, o autor afirma que elas “não se confundem com as travestis, não se aplicam silicone nem hormônios e não são prostitutas” (p.25).

Para Couto (1999), diferentemente de Mott (1996), o travestismo não é uma variante da homossexualidade, porque há heterossexuais que se travestem. Da mesma forma, para Couto, o transformista e a drag queen não são enquadrados na homossexualidade, nem tão pouco uma variante do travestismo, conforme propõe Mott, uma vez que podem pertencer às três orientações sexuais, como dito acima.

Transexualidade: O quinto campo da diversidade sexual, segundo Couto (1999), diz respeito a homens ou mulheres que:

- Identificam-se *psíquica e socialmente* com o sexo oposto ao de seu registro civil.
- Negam-se a aceitar o seu sexo anatômico, tendo aversão por seus atributos genitais.
- Têm interesse em mudar de sexo (COUTO, 1999).

Costuma-se dizer que é a “mente que errou de corpo” e o tratamento cirúrgico pode corrigir o possível “defeito” da natureza. O Conselho Federal de Medicina, em 1997, regulamentou a cirurgia transgenital e, a partir de 1999, passou a denominar a transexualidade de “Disforia Neurodiscordante de Gênero”. Tudo indica que a

transexualidade tem origem nas células cerebrais. A conformação genital original do indivíduo está em radical desarmonia com a conformação sexual do sistema nervoso. Neste caso, então, a origem é neural, biológica e inata. É a conhecida história de Roberta Close.

“Para ser transexual a pessoa não precisa ser necessariamente ‘operada’. O que define e caracteriza a transexualidade é o grau de insatisfação e rejeição do seu sexo original” (COUTO, 1999, p.28).

Importante destacar, conforme esclarece este autor, que

[...] a legalidade da cirurgia em casos devidamente diagnosticados é um grande passo para o equilíbrio emocional e a felicidade de milhares de seres humanos carentes de um direito elementar de cidadania: ser fisicamente o que são existencialmente. (p.20)

Vimos que as travestis, normalmente, não rejeitam seu sexo genital e não desejam, como as transexuais, mudar de sexo. Porém, baseado em estudos feitos pelo GGB, Couto (1999) afirma que “quase $\frac{3}{4}$ das travestis são de fato transexuais, não tendo se submetido à cirurgia reparadora, por falta de condições, coragem ou oportunidade” (p.19).

Atualmente, tanto travestis, quanto transexuais, são denominados de transgêneros.

Podemos encontrar outras formas de classificação da diversidade sexual, além das aqui delineadas, o que mostra que as tentativas de definição de práticas sexuais não alcançam consenso entre os teóricos. O mais importante é considerar que as classificações, no caso a de Mott (1996) e a de Couto (1999), devem ter apenas uma utilidade didática, para nos ajudar a compreender a diversidade sexual e não devem, em momento algum, ser tomadas como referencial para tratarmos as pessoas a partir de rótulos.

Para completar o conjunto da diversidade sexual, farei referência aos hermafroditas, com uma breve explicação a respeito:

Hermafrodita: Diz respeito à pessoa que nasce com os dois sexos biológicos, o que é resultante de problemas no período de formação

embrionária, como, por exemplo, cromossomos defeituosos, desequilíbrio na dosagem de hormônios ou envio de mensagens genéticas incorretas. Segundo Pamplona (1994), “O hermafrodita não é uma junção perfeita de dois seres completos. Ao contrário do que se pensa, essas pessoas não possuem os dois sexos normais ao mesmo tempo [...]” (p.189). Quando adulto ainda não tratado e não operado, ele tem, ao mesmo tempo, ovário e testículo, ambos mal-formados e com funcionamento comprometido.

Ao nascer um hermafrodita, é preciso todo cuidado e acompanhamento de médicos especializados, para que receba atenção, tanto na parte cirúrgica de definição de seu sexo genital, quanto na orientação e apoio psicológico para que elabore uma tranqüila e segura definição de sua identidade sexual (o sentir-se homem ou o sentir-se mulher) coerente com seu sexo genital.

A HOMOFOBIA – Diz respeito à aversão, ao horror e/ou ao medo que as pessoas sentem em relação aos homossexuais. É um sentimento fortemente negativo que se manifesta em atitudes discriminatórias, em comportamentos de desprezo e de desvalorização do outro e, muitas vezes, de agressão.

Segundo o Grupo Gay da Bahia (1996b),

Homofobia é ódio ou intolerância à homossexualidade. É uma doença anti-social como o machismo e o racismo. Homofobia é doença que se cura com a informação e punição daqueles que desrespeitam os direitos humanos dos homossexuais. (p.11)

Devemos considerar que a homofobia pode se manifestar em relação a todo tipo de diversidade sexual, não se restringindo apenas aos gays, ou seja, inclui, também, a aversão aos transexuais, aos travestis, assim como a homens e mulheres que, simplesmente, comportam-se de forma diferente do padrão esperado para o seu sexo, podendo não ser homossexuais, embora os lembre.

É possível pensar, também, na existência das mesmas atitudes preconceituosas de pessoas homossexuais para heterossexuais –

heterofobia – , o que também dificulta a promoção da cultura do reconhecimento da diversidade sexual.

A HETERONORMATIVIDADE – Diz respeito à postura de aprovação social que a sociedade tem diante da heterossexualidade, considerando o relacionamento heterossexual como a única forma aceitável e válida de relação afetivo-sexual entre duas pessoas. Este relacionamento é, nesta perspectiva, considerado, ainda, padrão, ou seja, modelo, e é tido como superior em relação à homossexualidade. Enfim, heteronormatividade é a aprovação suprema da heterossexualidade.

VEJA O QUE FOI DITO

Por que os pais e os educadores reprimem tanto a homossexualidade de seus filhos ou alunos, preferindo muitas vezes que sejam inautênticos e infelizes numa relação heterossexual, para a qual eles não se sentem chamados?

Naumi de Vasconcelos, psicanalista, ao falar sobre o preconceito contra a homossexualidade, em seu livro: “Amor e sexo na adolescência” (1985, p.47).

Ser gay, lésbica, travesti ou transexual, não é um problema em si, nem reflete, necessariamente, transtornos familiares ou desajuste psicológico. O problema é a intolerância dos outros – que, como os racistas e machistas, oprimem quem não é igual a si.

Luiz Mott, antropólogo, militante homossexual assumido e professor titular da Universidade Federal da Bahia, em seu livro: “Homossexualidade: mitos e verdade” (2003a, p.74).

Viver sob o preconceito não é tarefa fácil e produz efeitos nocivos à saúde psíquica de qualquer pessoa discriminada. [...] Ninguém pode se realizar como pessoa sem o apoio e o reconhecimento dos outros.

Lula Ramires, presidente do Grupo CORSA, ao abordar a saúde de pessoas homossexuais (2004, p.161).

Quando pensamos em homossexualidade, pensamos no sexo entre duas pessoas iguais. Precisamos começar a pensar no amor entre duas pessoas iguais. Isto nos ajudará a nos despiremos de nosso preconceito.

William Peres, psicanalista londrinense, na I Edição do MIX Brasil Londrina, promovido pela Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids (ALIA), em 2003.

Uma relação sexual une duas pessoas e não dois órgãos genitais; nesse caso, ela pode ser realizada tanto entre pessoas de sexo diferente quanto entre pessoas do mesmo sexo, com a condição de que se vejam e se reconheçam como iguais em direito e em dignidade humanos.

Naumi de Vasconcelos, psicanalista, em seu livro "Amor e sexo na adolescência", ao falar sobre o preconceito contra homossexualidade (1985, p.47).

O amor é que é essencial. O sexo, um acidente, pode ser igual, pode ser diferente.

Fernando Pessoa, poeta e bissexual assumido.

Cara Senhora. Depreendi de sua carta que seu filho é homossexual. Fiquei impressionado pelo fato de que a senhora não menciona este termo em sua informação sobre ele. Posso perguntar-lhe por que evitou isso? Homossexualidade não é seguramente uma vantagem, mas não há porque se ficar envergonhado, com isso, pois não é vício, nem degradação e nem pode ser classificada como uma doença; [...] Muitos indivíduos altamente respeitáveis dos tempos antigos e modernos foram e são homossexuais, dentre os quais alguns dos maiores homens (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci, etc.). [...] Se a senhora não acreditar em mim, leia os livros de Havellock Ellis (O primeiro e maior estudioso do sexo).

Freud, médico e psiquiatra, famoso por seus estudos sobre sexualidade, em resposta à carta de uma mãe (WEREBE, 1998, p.51).

O corpo humano, tanto o do homem como o da mulher, é basicamente semelhante na forma, na consciência, no calor e na sensibilidade. Isto não entra na cabeça de praticamente ninguém.

José Angelo Gaiarsa, psicanalista (1967?).

A escola tem um potencial enorme como educadora sexual secundária. [...] Deveríamos fazer dessa instituição educativa um veículo de expansão de uma mentalidade nova sobre a sexualidade.

Isaura Guimarães, em sua Tese que trata da Educação Sexual (1989, p.116).

A educação na, para e pela diversidade diz respeito ao aprendizado da convivência social pacífica, cidadã e democrática e possui um papel estratégico na promoção da igualdade de oportunidades, na inclusão e na integração social. A “educação na, para e pela diversidade” trabalha na perspectiva de incluir o “outro” e assegurar o seu pertencimento a todos os espaços sociais.

Rogério Diniz Junqueira, do MEC e SECAD, de Brasília (DF), no II Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual - PR- SP - SC. (JUNQUEIRA, 2006).

É somente através da diferença que pode se dar o aprendizado. O que é igual pouco tem a oferecer e a acrescentar no repertório do que já se conhece. Através da convivência com as diferenças, torna-se possível fazer descobertas, manter a curiosidade e aumentar o leque de recursos já adquiridos anteriormente. Surge a possibilidade de crescer e evoluir.

Joyce C. Figueira e Zeila M. Sarda (2001), ao falar sobre as diferenças e a exclusão no cotidiano familiar.

A Pastoral Gay é um trabalho para ajudá-los a descobrir sua verdadeira identidade. Na verdade, minha idéia não é transformá-los em heteros, mas evitar que a opção sexual seja um elemento que desagregue a família. Muitos, quando começam a se descobrir gays,

passam por um período muito difícil. Não encontram apoio na família, nem na escola, nem no trabalho. Não podemos fechar mais uma porta a eles.

Padre José Antonio Trasferetti, professor de teologia moral na PUC de Campinas, ao ser perguntado sobre o trabalho que desenvolve, junto aos homossexuais, em uma Igreja de Campinas. Em entrevista à Revista ISTOÉ, de 26/02/97.

Acho que é uma opção de vida (a homossexualidade). Mas é preciso fazer certa distinção. Há homossexuais anômalos e heterossexuais anômalos. Um tarado, por exemplo, é anormal mesmo sendo heterossexual. A anomalia não está em ser hetero ou homo e sim na forma como o indivíduo vive a sua condição sexual.

Padre José Antonio Trasferetti, ao ser perguntado sobre se a homossexualidade é uma anomalia. Em entrevista à ISTOÉ, 26/02/97.

Independente de se aceitar ou não o homossexualismo [a homossexualidade], acho que projetos desse tipo tratam de cidadania, de direitos humanos e por isso são muito importantes. Até mesmo a Igreja, que condena o homossexualismo, fala, em diversos documentos, que não se deve permitir a exclusão seja de negros ou índios.

Padre José Antonio Trasferetti, ao ser perguntado sobre projetos que tratam da legalização da união civil entre pessoas homossexuais. Em entrevista à ISTOÉ, 26/02/97.

Eu não sou uma exceção à regra. Sou quem invalida a regra.

Albert, personagem gay, na novela Suave Veneno (Tv Globo, 1999).

Alunos e alunas gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais ou transgêneros precisam encontrar, na escola, professores e professoras que lhes ajudem a viver e ser felizes, hoje e no futuro.

Fernando Seffner, no II Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual - PR – SP- SC. (2006).

Há pouquíssimas coisas na vida que são 100 por cento qualquer coisa – e isto vale para a sexualidade. É inteiramente normal um homem ou uma mulher ter relances de 'interesse' por um membro do mesmo sexo.

Ann Landers, em uma coluna de um jornal americano, em 1973, e citado por Tucker e Money (1981, p.23).

NÍVEIS DE ATITUDES DIANTE DA DIVERSIDADE

A respeito das possíveis atitudes das pessoas diante da homossexualidade, geralmente, deparamo-nos com as seguintes alternativas: a pessoa admite ser preconceituosa; ou diz que não tem preconceito, mas que respeita; ou que respeita, mas não aceita; ou que tolera, mas não aceita e assim por diante. Em que consistiriam as diferenças entre estas várias atitudes? Para compreender isto, reportaremos-nos aos diversos **níveis de relação pessoal**⁴ diante de uma questão polêmica ou, em nosso caso, diante da diversidade sexual. É este o conjunto das atitudes:

⁴ Da referência do autor ou autores que elaboraram estes níveis de relação pessoal, infelizmente, não tenho conhecimento. Os níveis foram expostos por Toni Reis, em uma oficina sobre Homossexualidade, em Londrina, na UEL, em 03 de agosto de 2006, porém, os mesmos não são de sua autoria e, nem tão pouco, ele tem conhecimento dos autores. Fiz uma pequena adaptação e optei por retirar a *Atitude Fanática* (que estaria situada entre a Nazista e a Dogmática), a qual diz respeito ao gesto de destruir-se (suicidar-se) por sua verdade.

NAZISTA
DOGMÁTICA
PRECONCEITUOSA
TOLERANTE
RESPEITOSA
ACEITANTE
COMPETENTE CULTURAL

Atitude Nazista: É a atitude radical de quem elimina o diferente. Aqui, encaixam-se todas as pessoas e os grupos que agridem fisicamente as pessoas diferentes, matando-os, conforme, muitas vezes, é divulgado na mídia.

Atitude Dogmática: Diz-se da atitude na qual a pessoa, uma vez tendo aprendido uma “verdade”, ou crença, ou valor, acha que aquilo é para sempre, que não pode ser revisto. Geralmente, é aquela que pensa: “está escrito, então é e sempre será”. Para ela, as “verdades” são para sempre; nada pode mudar e não se dispõe a conhecer outras formas de pensar a questão e nem a rever os seus conceitos. É também chamada de atitude fundamentalista.

Atitude Preconceituosa: Consiste em discriminar o diferente, em considerá-lo inferior e, portanto, menos merecedor de direitos. É o não dispor-se a estar junto com o outro; é o evitar estar lado a lado, a conviver com ele.

Muitas vezes, a discriminação vem acompanhada de gestos de violência real ou simbólica (psicológica ou moral) e, outras vezes, é sutil, pois, como diz Almeida (2004): “[...] parte de um olhar, um sorriso ao lado da boca, uma piada sem sabor de mel” (p.169).

Atitude Tolerante: Implica na capacidade de conviver, pacificamente, ao lado do diferente, abstendo-se de discriminá-lo, porém, interagindo de forma indiferente, não alimentando amizade, nem mesmo uma interação no sentido de trocas, de intercâmbio.

Atitude Respeitosa: Consiste em conviver de forma positiva, interagindo com o outro, dispondo-se a ser companheiro/a e/ou amigo/a, estabelecendo trocas afetuosas e de bem querer. Porém, a pessoa não se sente tão segura diante da questão a ponto de dizer para si mesma: “Isto é tão tranqüilo, que, se fosse com alguém de minha família, ou mesmo um filho ou filha, eu lidaria bem, não me sentiria angustiada diante desta possibilidade.”

Atitude Aceitante: É atitude na qual se consegue encarar a questão sem ranços, vergonha, preocupação ou medo, a ponto de pensar na possibilidade de que poderia ser alguém de sua família, aceitando, de fato, caso isto venha a acontecer.

Atitude Competente Cultural: Implica numa postura tão límpida e tranqüila a respeito, a ponto de se poder admitir que esta é uma questão superada e fechada, que dispensa discussão. Levando em conta que nossa cultura não possibilita às pessoas atingir um nível como este, na questão da homossexualidade, já que o preconceito impregna toda a sociedade, usarei outras ilustrações para demonstrar o que seria um competente cultural. Seria a atitude de considerar inquestionável, por exemplo, a possibilidade do divórcio, do direito de a mulher estudar e trabalhar fora, assim como o de ela ter um filho sem ser casada.

Vale a pena considerar que esta divisão em níveis serve, preferencialmente, para efeito didático e que algumas atitudes podem sobrepor-se. Considero possível que uma mesma pessoa apresente atitudes variadas diante de uma questão, dependendo do período de sua vida, ou de vários outros fatores. Este conjunto de níveis pode ser aplicado para uma variedade de outras questões, não se limitando, obviamente, a temas ligados à sexualidade. Neste campo, ainda, podemos ilustrar sua

⁵ Refere-se à opção de uma mulher de ter, ou adotar um filho, e criá-lo sozinha, sem a colaboração de um parceiro na criação.

aplicação aos assuntos: aborto, sexo pré-matrimonial, sexo extra-conjugal, virgindade, produção independente⁵ etc.

É urgente que nos esforcemos para identificar em que níveis de atitudes nos encontramos e, sobretudo, que nos esforcemos para avançar e sair do comodismo, pois é esperado muito de nós, educadores, já que somos responsáveis pela formação de novos cidadãos. Penso que a forma mais promissora de uma pessoa conseguir avançar, neste sentido, seja abrindo-se para a prática constante da empatia, que consiste na habilidade de colocar-se no lugar do outro (o excluído, ou o que está sofrendo), imaginando o que este está sentindo e, assim, sendo solidário a ele.

Marcio Caetano (2006), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada: "Os gestos do silêncio para esconder as diferenças", teve a sensibilidade de buscar, no romancista português, José Saramago, uma assinalação assaz pertinente:

Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. Deveríamos criar uma relação entre as pessoas da qual estivesse excluída a tolerância. (SARAMAGO apud CAETANO, 2006, p.10)

COMPORTAMENTO HOMOSSEXUAL EM ANIMAIS⁶

Sempre predominou a tradicional visão de que os animais fazem sexo só para a reprodução e que sua união se dá apenas entre macho e fêmea. Será que isto é mesmo verdadeiro?

Na revista Super Interessante, de agosto de 1999, foi publicada uma matéria sobre uma pesquisa do biólogo americano Bruce Bagemihl, que passou dez anos investigando o comportamento sexual dos animais, em jornais e até em trabalhos que foram divulgados há

⁶Resumo elaborado por Heloisa de Oliveira Kawata e Karen Mayumi Nakaya, alunas do 4º ano de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, com base na matéria de Burgierman (1999).

mais de 200 anos. Também entrevistou zoólogos, a fim de saber aquilo que eles não divulgavam a respeito do assunto (BURGIERMAN, 1999).

Seu trabalho culminou no livro: "Exuberância Biológica – Homossexualidade Animal e Diversidade Natural", publicado em 1999, pela St. Martin's Press, com 750 páginas. É, sem dúvida, a pesquisa mais completa sobre um assunto tão controverso que é o comportamento sexual dos animais.

Em sua pesquisa, Bagemihl afirma que o comportamento homossexual em animais é mais comum do que se imaginava, entretanto, não tem, com isso, a intenção de justificar a homossexualidade em humanos. Para realizar uma discussão científica séria, ele define, cautelosamente, o que chama de comportamento homossexual, através de cinco variedades que são: o cortejo, a afeição, a formação de casais, a criação de filhotes e o contato sexual propriamente dito.

Como era de se esperar, muitas críticas foram feitas em relação às suas conclusões, porém, ele tem argumentos que refutam cada uma delas. Um exemplo é a crítica do biólogo americano John Alcock, especialista em comportamento animal, da Universidade do Estado do Arizona, de que animais do mesmo sexo só se envolvem quando não existe outra opção. Porém, Bagemihl afirma que as coisas não são bem assim e cita que, em comunidades de girafas, mesmo quando há fêmeas disponíveis, estas podem ser rejeitadas, sendo que alguns machos recusam-se a copular com elas, preferindo a um igual. Ele acredita que o prazer pode ser a "causa" da homossexualidade; diz, também, que a ciência tradicional não admite a possibilidade de que os animais sintam o prazer sexual, mas, na sua opinião, "quando estudamos o sexo, temos que revisar os pressupostos que temos" (BAGEMIHLE, apud BURGIERMAN, 1999, p. 32).

O biólogo reconhece que a discussão sobre a homossexualidade e a satisfação sexual nos animais é bastante polêmica, mas é um assunto que, certamente, precisa ser debatido, já que, desde sempre, a natureza convive com a diversidade sexual.

Algumas das Curiosidades Apontadas pelo Estudo de Bagemihl:

- Machos de guepardo, felino africano, adotam filhotes perdidos e órfãos e os criam. Fazem papel de pais e mães.
- Já foram registrados casos de casais de gansas que viveram mais de 15 anos juntos. O casamento só terminou quando a morte as separou.
- Há zebras que morrem sem jamais ter copulado heterossexualmente e optam pela conduta homossexual, de forma exclusiva.
- Periquitos formam casais, tanto de machos, como de fêmeas. Os pares passam meia hora trocando carícias e também se alimentam mutuamente.
- O comportamento homossexual é comum entre marmotas fêmeas. Um estudo revela que três em cada cinco montadas reúnem duas fêmeas.
- Os carneiros-silvestres menos importantes dentro do bando, às vezes, montam nos maiores e mais fortes. Isto faz cair a tese de que a conduta homossexual só serve para mostrar quem manda.
- Os chimpanzés bonobos fazem, tanto sexo homossexual, quanto heterossexual, o tempo todo. Casais de macho gostam de beijo na boca.

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

Uma homossexual feminina, também chamada de lésbica, ou gay, é a mulher que apaixonou-se e sente atração e desejo sexual por outra mulher. A primeira idéia importante a se esclarecer, é que, antes de tudo, ela é mulher e se sente mulher. Erroneamente, as pessoas costumam pensar que a lésbica quer ser homem.

Neste sentido, vejamos o que diz o médico Ronaldo Pamplona (1994):

Ao contrário do que pensam algumas pessoas, uma mulher lésbica não SE SENTE um homem, não pensa que é um homem e não quer ser homem. Algumas têm comportamento um tanto "masculinizado", mas isso não quer dizer nada, pois o mesmo acontece com outras mulheres não lésbicas. (p.102)

Donde surgiu a palavra lésbica? O nome veio de uma ilha grega da Ásia Menor, chamada Lesbos, onde viviam muitas mulheres e uma grande e famosa poetisa chamada Safo, que amava mulheres e criou uma escola de poesia e de música só para elas. Safo, que viveu há 2.600 anos, sempre foi reverenciada como sábia, por muitos, inclusive por Sócrates.

Como nossa sociedade tem encarado o fato de que mulheres podem apaixonar-se e desejar viver ao lado de outra mulher? Tem sido mais difícil para as mulheres assumirem sua homossexualidade, do que para os homens?

Em seu livro: "O que é lesbianismo", Tania Navarro-Swain (2000) afirma que os filmes e seriados de TV, envolvendo lésbicas, costumam trazer imagens caricaturais e fazer desqualificação do lesbianismo, ou melhor dizendo: da lesbianidade. Geralmente, essas mulheres são mostradas como infelizes, como "lésbicas porque mal-amadas" e passa-se a idéia de que, apesar da emoção presente na relação, "[...] falta algo. Dito em todas as letras: um pênis. [...] Explicita-se a idéia de que a sexualidade só é possível onde existe um pênis" (p.72).

Penso que esta idéia está ligada à concepção um tanto limitada e empobrecida que sempre tivemos do que vem a ser relação sexual, sendo definida como um ato que envolve, essencialmente, a penetração pênis-vagina. Na verdade, a relação sexual pode ser entendida como uma relação muito mais ampla e rica, na qual uma variedade infinita de atos, gestos, toques e movimentos, realizados entre dois corpos que se desejam, possibilita o alcance do prazer sexual.

Assim como a homossexualidade masculina, a feminina sempre existiu, porém, apenas a primeira foi e tem sido comentada na História, como é o caso, por exemplo, da Grécia Antiga e da Roma.

Por que a lacuna com relação à homossexualidade feminina? Primeiro, tem a ver com a própria desconsideração que se teve, ao longo da História, para com as mulheres enquanto personagens da vida social. Segundo, porque o amor entre mulheres é o fator que mais afronta e desestabiliza a hegemonia heterossexual, ou seja, a heteronormatividade (NAVARRO-SWAIN, 2000).

Entre as mulheres lésbicas, que figuraram na história, podemos citar: Cleópatra, Maria Antonieta, Catarina da Rússia, Imperatriz Leopoldina, Marguerite Yourcenar e, mais recentemente, Martina Navratilova, Ângela Rô Rô, Cássia Eller e Marina Lima.

Além da recorrência de imagens caricaturais das mulheres lésbicas e da frágil visibilidade e consideração social que as mesmas têm tido, um outro ponto mostra o quanto ainda é preciso lutar para se conquistar a igualdade e o respeito. Trata-se da saúde sexual e reprodutiva das mulheres que fazem sexo com mulheres, a qual vem sendo marcada por um nível insatisfatório de cuidados médicos, assim como por preconceito por parte dos/as ginecologistas. Segundo Fachini (2004), alguns estudos demonstram que, no contato com o/a ginecologista, cerca de 50% das mulheres homossexuais, aproximadamente, não revela sua orientação sexual e que, quando o fazem, muitas relatam “reações negativas/discriminatórias ou de surpresa por parte do profissional” (p.35). A autora resume, de forma objetiva, toda esta problemática:

O quadro de parco conhecimento sobre as demandas e condutas adequadas a essa população atesta a persistência de pré-noções – , como a de que o sexo entre as mulheres “não oferece riscos” ou de que as mulheres são todas heterossexuais –, cujas implicações no âmbito da saúde coletiva são, por exemplo, o desperdício de recursos com indicação de contraceptivos e aconselhamento de prevenção às DSTs inadequados, aliado a uma assistência à saúde incapaz de responder adequadamente às demandas destas mulheres, que resultam em diagnósticos de patologias e tratamentos não realizados. (FACCHINI, 2004, p.35)

De acordo com a mesma autora, a dificuldade na comunicação médico-paciente/lésbica, dá-se tanto em serviços de saúde pública,

quanto nos atendimentos particulares, uma vez que o fator determinante desta limitação encontra-se na formação universitária insatisfatória, que não prepara os futuros médicos para cuidar da saúde sexual das mulheres, mas sim das mulheres heterossexuais.

Da mesma forma que se vem defendendo o uso da palavra homossexualidade, ao invés de homossexualismo, já que este último sugere associação com doença, lesbianismo deve ser substituído por lesbianidade, ou, como particularmente prefiro, por homossexualidade feminina.

Antes de finalizar este tema, não poderia deixar de abrir espaço para a fala de uma mulher homossexual. No caso, uma garota de 23 anos, carioca, estudante:

Hoje é possível levar uma vida livre de preconceitos. Faço faculdade de dança e meus colegas de curso têm a cabeça aberta. Mas tenho consciência de que frequento lugares mais liberais. Sei que muitas mulheres sofrem preconceito. Eu mesma me atormenti durante anos. Meu irmão, apesar de jovem, não tolera minha escolha. Quando tomei consciência de que me sentia atraída por garotas, tentei lutar contra aquilo. Tinha nojo. Tinha uma idéia falsa de que, se continuasse ficando com garotos, deixaria de ser lésbica. Num dado momento, tive certeza da minha homossexualidade, mas o problema eram os outros: não contava nem para minhas amigas íntimas, tinha medo da reação delas. Preferia esconder. Eu era uma pessoa solitária. Até que vi um casal de lésbicas na novela Vale Tudo e me dei conta de que gostar de mulheres não era defeito nem doença. Ainda assim, fui casada por quatro anos com um homem. Não fui feliz. Quando me separei, decidi assumir. (VIEIRA, 2002, p.63)

E, com o intuito de encerrar este pequeno texto, sem contudo, fechar as reflexões que ele pode suscitar, eu espero, proponho algumas questões levantadas pela psicanalista Naumi de Vasconcelos (1993), defensora da idéia de que "a homossexualidade feminina faz parte do ser mulher, ou seja, é uma das possibilidades do feminino" (p.351). São estas as questões: "Por que quero saber o que é homossexualidade feminina? Por que ela me espanta? Por que sinto em mim tais reações ao pensar nela? No que ela me afeta?" (p.351).

FALAS DE EDUCADORAS. DÚVIDAS DE EDUCADORES

Falas de educadoras:

Neste espaço, apresento falas de educadoras⁷ a respeito da homossexualidade, algumas obtidas por escrito, nos Grupos de Estudo sobre Educação Sexual (GEES), que acontecem na UEL, outras, expressas em situação de entrevista gravada, para fins de pesquisa. Acrescento pequenos comentários em torno de alguns pontos, para ajudar a pensar a respeito.

O conhecimento limitado:

Penso que para mim é um assunto muito difícil, pois eu tenho pouco conhecimento a respeito. O pouco que sei são de alguns artigos de jornais e revistas. Para trabalhar este assunto eu ainda tenho que ler e aprender muito para não repassar "os meus valores" ou valores "distorcidos" que nós aprendemos ao longo da vida. [...] Quero aprender, quero educar, mas esse assunto ainda é uma "incógnita" para mim.

Aqui, fica clara a necessidade da formação continuada dos educadores, assim como dos demais profissionais, para que possam ter oportunidades para conhecer e refletir sobre o tema, trocar idéias com seus colegas e expressar seus sentimentos e angústias com relação à questão.

A resistência:

Eu não concordo, mas não sou contra quem pratica. Eu sinto uma falta de respeito contra o próprio corpo da pessoa que é homossexual; vai contra os princípios da própria natureza humana. Sei também que se deve respeitar a vontade e liberdade de escolha de cada um, mas é muito estranho observar dois homens se beijando.

⁷ Como não se tem a correspondente identificação do sexo dos autores das falas presentes neste sub-capítulo e, considerando que a maioria dos integrantes do GEES é professora, optei por usar neste tópico o gênero feminino, de forma exclusiva.

A professora falou em: ir contra a natureza. Tanto para Naumi de Vasconcelos (1993), quanto para Mott (2003a), a idéia obcecada de que há uma lei natural, ou sobrenatural, ou um instinto, dirigindo o sexo, bastando segui-los, é o maior obstáculo para se compreender a homossexualidade, justamente porque desvia o olhar do entendimento da cultura como fator importante na construção e determinação das orientações sexuais.

Quanto a achar estranho ver dois homens beijando-se, gostaria de comentar que, na década de 60, quando eu era criança, lembro-me de que as pessoas estranhavam ao ver uma mulher de calça comprida ou dirigindo um caminhão ou camionete; nem sequer era comum, em minha cidade, ver mulher dirigindo carro.

Estranhavam também ao ver um homem arrumando cozinha, cozinhando, passando roupa e trocando fraldas de um bebê; aliás, não se via. Estranhavam porque não estavam acostumados, porque não era comum. Estranhavam também e, olhavam com maus olhos, as mães solteiras, porque não era comum. Tudo fugia da norma. No entanto, as coisas foram acontecendo na prática, foram se repetindo, até que as pessoas acostumaram-se com o novo.

A não aprovação, somada à dificuldade em falar sobre o tema e aos outros sentimentos que este desperta, fica nítida, também, em vários outros depoimentos, como nos exemplos que se seguem:

- *Não aceito, acho muito estranho, não concordo, tenho dificuldade de falar sobre. Mas não critico as pessoas que vivem sua homossexualidade, acho que são muito corajosas.*
- *O assunto é bastante polêmico. Procuo ver as pessoas homossexuais como um ser humano muito especial, pois lutam bastante para vencer no mercado profissional, isto é, primeiro têm que vencer os preconceitos existentes, assim como os negros, portadores de deficiências etc. Dizer que eu acho normal, ainda não consigo.*
- *Nunca parei para pensar sobre a homossexualidade. Acho um pouco estranho, nunca tive o contato profundo com pessoas homossexuais, mas sei que são pessoas comuns.*

- *Penso que existe em mim uma dificuldade em aceitar pessoas homossexuais. Minha visão sobre o assunto, a priori, é de "doença", ou seja, situações internas mal resolvidas que levam a uma escolha rebelde.*
- *É uma das orientações sexuais do ser humano; entretanto, não entendo o porquê. Sinto uma inquietação.*

As pessoas teimam em dizer que não têm preconceito, enquanto se sabe que este está impregnado nas relações sociais, por isso, é sempre válido dizer o que se pensa e se sente sobre estas questões; é o primeiro passo para começar o processo de superação. Segundo Câmara (2002), os preconceitos precisam ser explicitados “[...] para que se tornem parte do cotidiano e possam ser discutidos e superados” (p.23).

Um educador que apresenta preconceitos, ou até mesmo dificuldades em expressá-los, dificilmente mudaria de atitudes apenas mediante conversas ou discussões. O que importa, num primeiro momento, é que ele consiga expor o que pensa e sente, com clareza, sem ludibriar a si próprio e aos outros. É muito válido começar falando que: é difícil falar sobre, ou que se tem dificuldade para entender a questão, como se viu em alguns depoimentos acima.

Quando se pede para escrever o que pensam e sentem sobre homossexualidade, mesmo em espaço propício para fazê-lo, alguns educadores dão resposta extremamente sucinta e vaga, parecendo demonstrar, com isto, temer o assunto ou não desejar pensar sobre o mesmo. Uma postura desta natureza dificulta avançar na forma de pensar. Vejamos alguns exemplos desse tipo de resposta:

- *Não tenho nada contra.*
- *Não tenho nenhum preconceito.*
- *Penso que acontece ao acaso.*
- *É uma opção.*
- *Eu os trato como pessoas normais.*

Um ponto de vista religioso:

Acho muito difícil de falar o que penso e o que sinto sobre homossexualidade, pois eu não aceito e não concordo. Não acho que

quando a pessoa é homossexual é porque é doente; acho que é falta de Deus, dos princípios bíblicos e de caráter. Realmente, não sei bem o que falar e como trabalhar isto em sala de aula.

Pensemos na seguinte questão: Quando Deus está presente na vida de uma pessoa? A meu ver, quando ela ama as pessoas ao seu redor, quando as trata bem, enfim, quando procura ser boa para o outro. Ora, vemos muito, em nossa sociedade, casais heterossexuais amando-se, querendo-se bem um ao outro, fazendo de tudo para que seu par (marido ou mulher, namorado ou namorada) seja feliz. Vemos muito, também, casais heterossexuais maltratando-se, traindo um ao outro, enganando, mentindo, agredindo-se verbal ou fisicamente. Penso que Deus está com aquelas pessoas do primeiro grupo, mesmo que sejam casais homossexuais. Penso que Deus está com os pares que se tratam bem, independentemente de serem pessoas hetero ou homossexuais.

Por que, afinal, inserir esta discussão de cunho religioso? Porque, trabalhando com formação de educadores sexuais, há doze anos, tenho constatado que uma das barreiras maiores ao processo de reeducar-se sexualmente, no qual o educador necessita envolver-se, é a formação religiosa, que dificulta rever e transformar as normas ligadas à vivência da sexualidade.

A falta de contato:

Como praticamente nunca tive contato direto com homossexuais, ou seja, conversas mais próximas, para mim é algo que me soa não muito usual, porque não é algo que faz parte do meu cotidiano. Acredito que me sentiria envergonhada se visse um casal de homossexuais trocando carícias um pouco mais do que usualmente sinto em relação aos casais heterossexuais. Mesmo assim, creio que seja algo da sexualidade humana mesmo, tão rica e complexa, assim como todas as coisas que se referem ao ser humano. Acredito que seja mais uma possibilidade de ser, dentre tantas possíveis a cada um de nós e, como há infinitas formas de dar e receber afeto, a homossexualidade, para mim, é uma delas.

O raciocínio apresentado pela professora, na segunda parte de sua fala, é típico de uma postura “competente cultural”⁸, porém, ela não consegue atingir, efetivamente, este nível, pela falta de vivência positiva com pessoas assumidamente homossexuais, ou seja, no aspecto emocional, encontra-se bloqueada e, possivelmente, podemos dizer que é uma “respeitante”. Outra educadora mostra um pensamento semelhante:

- Penso que isso só interessa a cada um, pois a sexualidade de cada ser humano deve ser respeitada dentro da sua individualidade. O que eu sinto é que mesmo pensando assim, não sei como reagiria se fosse dentro de minha família. Estando de fora, fica mais fácil.

Sua fala inicial coaduna com a postura “competente cultural”, porém, não se poderia dizer que ela atingiu este nível, pois não consegue aceitar a homossexualidade, uma vez que, quem aceita, aceita, inclusive, na própria família, o que é um processo difícil, devemos reconhecer.

O medo:

Para mim, há alguns anos, a homossexualidade era alguma coisa ruim, eu tinha medo e preconceito. Talvez o medo fosse por ser algo desconhecido. Tinha medo que o meu filho pudesse ser um homossexual e eu não pudesse lidar com o problema. Porém, ao conviver com alguns alunos homossexuais e fazer algumas leituras de depoimentos dados por outros homossexuais, comecei a refletir melhor sobre isso. Hoje, já mais amadurecida, sinto maior segurança em aceitar os diferentes, e aprendi também que não adianta lutar contra a natureza. Se meu filho tivesse que ser um homossexual eu não poderia impedir; ele não é, mas a vida é longa, quem poderá prever o futuro? Então, eu estava sofrendo por antecipação. Agora sinto que, se precisar me deparar com uma situação semelhante, seja na família, netos ou alunos, conseguirei enxergar o lado bom.

⁸ Para compreensão deste termo, assim como do termo “respeitante”, que vem em seguida, ver, neste mesmo capítulo, o tópico: “Níveis de Atitudes diante da diversidade”. (p. 43-45)

Esta fala dispensaria qualquer comentário. Quero destacar, no entanto, quando a professora se refere a: Lidar com o problema. Seria este um problema? Não deveria ser, porque não é doença, já afirmamos isto, e também porque a pessoa pode ser feliz e integrada socialmente sendo homossexual. Porém, enquanto as pessoas continuarem discriminando os diferentes, este é um problema para a família, sim, do mesmo modo que o enfrentamento dos demais tipos de discriminação também o é. Então, podemos afirmar que a condição de ser diferente não é um problema, mas a rejeição social desta condição a tem tornado um problema.

Vale a pena pensarmos sobre o medo que muitos pais e mães dizem ter em relação à possibilidade de seu filho ou filha ser homossexual. É um medo que tem fundamento; é um medo compreensível e é bom que se possa falar a respeito dele, com abertura e sinceridade (RIBEIRO, 2006; RIESENFELD, 2002). O desconhecimento do que seja a homossexualidade explica parte do medo, como bem apontou a professora. Mas por que este sentimento tem fundamento? Justamente por causa da repressão e do sofrimento que os pais sabem que o filho, ou a filha, provavelmente, terão que enfrentar.

Lembro-me de um rapaz de 16 anos que acompanhei, como psicóloga, e que, no momento em que se reconhecia como homossexual, disse estar sentindo-se profundamente triste, não pela certeza de sua orientação sexual, mas por acreditar que teria muita dificuldade em encontrar um parceiro que também se aceitasse, que estivesse equilibrado emocionalmente, enfim, que pudessem juntos construir uma relação positiva, firme e feliz. Uma professora também afirmou que amigos seus, homossexuais, afirmaram ser a solidão o maior medo que eles tinham, porque é muito difícil que consigam se estabelecer e viver em paz com seus companheiros.

Só não podemos nos esquecer que qualquer processo de enfrentamento do preconceito, por mais que faça sofrer, contribui, por outro lado, para o crescimento como pessoa. Se começarmos, nas escolas e em toda a sociedade, um trabalho de combate à homofobia,

poderemos ter mais jovens homossexuais com auto-estima positiva e desenvolvimento psicológico saudável. É útil completar dizendo que qualquer relacionamento afetivo, independente de ser homo ou hetero, para ser bem sucedido, necessita que seus pares estejam bem emocionalmente, que amem a si próprios, antes de tudo, e que sejam pessoas felizes e bem integradas socialmente.

A indignação:

Não concordo. Se é uma opção e não doença, então me parece mais um falta de respeito com os outros seres humanos. Sinto que se é para ter esse tipo de opção, então que se faça em seu próprio mundo, e não aos estardalhaços como tem sido com passeatas e manifestos gays.

Quanto à questão de não ser opção, isto já foi esclarecido no tópico que integra este capítulo: "Homossexualidade: noções iniciais". Sobre o incômodo que a professora sente em relação às manifestações públicas e passeatas, é bom que se possa expressá-lo; penso que seja algo relevante para discussão. Quanto a isto, Toni Reis (2006) esclarece que:

É exatamente para romper com a ignorância em relação à diversidade sexual que são realizadas as paradas e outros manifestos gays, para dar visibilidade e conscientizar a sociedade como um todo da necessidade do respeito e da convivência harmônica com as diferenças numa sociedade de paz.

Uma mescla de sentimentos:

Na verdade, me sinto agredida ao ver dois homens ou duas mulheres juntas, abraçadas, com olhares apaixonados. Bom, mas ver os homens dói mais, pois eles mudam o jeito de ser, de andar, falar, se comportar e como não é comum, fico meio sem graça e magoada. Penso que todos têm o direito de ser o que querem. E que cada um tem que buscar o prazer, a satisfação, se sentir bem, mas é tão estranho. É algo que está dentro da gente e mesmo acreditando que eles estão fazendo o que gostam, a sensação ao vê-los é muito estranha e constrangedora.

Chamou minha atenção quando a professora falou sobre estranhamento, dor e mágoa e, ainda, sobre sentir-se agredida. Isto tudo nos dá mostra da variedade de sentimentos que podem tomar conta das pessoas enquanto não se houver construído o respeito à diversidade, eliminado-se a homofobia.

Quando a professora disse: “[...] *eles (os homens) mudam o jeito de ser, de andar, falar, se comportar [...]*”, faz-me lembrar de que há muitos jeitos de ser homem e há muitos jeitos de ser mulher, porém, nós estamos acostumados a, sempre, encaixar o homem e a mulher num padrão estereotipado de comportamento.

É freqüente o incômodo de muitas pessoas, quando gays comportam-se de uma forma a gesticular excessivamente. Professores, comumente, expressam este incômodo e querem explicação para estes comportamentos atípicos. Riesenfeld (2002) comenta que “exagerar nos atributos masculinos ou femininos depende de cada um” (p.79) e que os gays, pelo fato de serem pessoas que não se prendem ao que a sociedade determina,

[...] permitem-se a oportunidade de descobrir que tipo de homem e mulher desejam ser. Não aceitam o esquema social per si, e isso os ajuda a não ter o mesmo medo que muitos heterossexuais têm de expressar sua parte feminina ou masculina. (p.79)

A mesma autora, sem ter a pretensão de generalizar, afirma que, entre os motivos que levam um homossexual masculino a exagerar nos atributos femininos estariam:

- o desejo de rebelar-se contra a repressão da sociedade para com a homossexualidade;
- a consideração de que o “desmunhecar” representa uma maneira de sentir-se integrante de um grupo gay;
- a crença de que se não for um pouco afeminado não será suficientemente gay.

A incompreensão:

Se o homossexual é homossexual de nascença, tudo bem! Eu aceito! Mas essa coisa de chegar na adolescência resolver querer ser, eu não aceito!

O que esta posição parece nos mostrar? Talvez que a educadora não entende a respeito do processo pelo qual passa o jovem que se percebe diferente. Primeiramente, a pessoa não nasce homossexual; torna-se homossexual. Em segundo lugar, o seu processo de auto-aceitação é uma difícil e longa caminhada, tão bem explicada no texto do professor Dr. Fernando Teixeira Filho, no capítulo IV deste livro.

Aos formadores de educadores – profissionais que trabalham no campo da Educação Sexual – fica um recado: é preciso ter respeito e paciência com os que se mostram preconceituosos, porque este preconceito não nasceu hoje, mas vem de longa data e foi culturalmente construído ao longo da história. Para ser superado, requer tempo e boa vontade de todos.

A omissão:

Ter preconceito sempre leva à discriminação, mas sempre procuro não me posicionar em público, pois acaba criando discussões. Quando surge numa roda de amigos, colegas, esse assunto, procuro não me posicionar, pois cada um tem o direito de ser ou agir como quiser.

A idéia desta professora foi expressa antes das reflexões realizadas sobre homossexualidade, o que talvez explique sua passividade e sua omissão para se posicionar. O combate ao preconceito, para ser eficaz, precisa do esforço, da coragem e da união dos componentes de equipe de professores, ao invés de um professor isoladamente. Melhor que isto, é preciso o envolvimento da escola como um todo. Para uma transformação maior acontecer, cada um tem que deixar de ser morno e se colocar, contribuindo para que se discuta e se reveja as idéias sedimentadas.

Dúvidas de educadores:

A seguir, vou relacionar algumas dúvidas expressas pelos educadores, quando trabalhamos o tema da homossexualidade, nos Grupos de Estudos sobre Educação Sexual (GEES).

É possível contribuir com o combate à homofobia, mesmo que o educador não consiga, ainda, superar seus preconceitos?

Sim, desde que ele tenha clareza do que é a homofobia⁹ e de suas implicações. A partir daí, deve conduzir o seu trabalho pela busca de informações, de debate e de reflexões sobre a homossexualidade e sobre toda a diversidade sexual, juntamente com os alunos, sem precisar fingir que aceita. Penso que não haveria problema se, em dado momento, o professor pudesse dizer que está em busca de conhecimentos para vencer seus preconceitos, sendo que a forma como foi criado e a cultura em que vive contribuíram para que ele, também, tivesse preconceitos e dificuldades em compreender e aceitar a questão.

Quando tem um/a aluno/a homossexual na sala de aula, como deve agir o educador?

Primeiramente, penso que se o educador trabalhar seus próprios preconceitos e suas dificuldades com relação ao tema, ele próprio vai encontrar formas de positivas de agir. No entanto, alguns apontamentos de estudiosos podem contribuir para o educador sentir-se mais seguro. Vejamos o que sugere o antropólogo e gay militante Luiz Mott.

A primeira atitude é não se surpreender, nem fazer escândalo: o homoerotismo sempre existiu sobretudo entre adolescentes. [...] Procure ganhar a confiança do aluno ou aluna para que sinta em você um aliado com quem pode se abrir e ter solidariedade no caso de ser discriminado. A segunda medida mais inteligente e respeitadora dos direitos humanos é oferecer apoio no caso de perceber que o aluno ou a aluna demonstram necessitar este tipo de atenção. [...] (MOTT, 2003a, p.74)

⁹Para rever o conceito de homofobia, consultar, neste mesmo capítulo, o tópico: Homossexualidade: Esclarecimentos Básicos.

Outras atitudes, segundo o autor, são:

- sensibilizar os demais alunos a serem solidários com os “diferentes”.
- proteger sempre, o diferente, de agressões físicas e verbais. Denunciar abusos e agressividade para que sejam punidos.

Além disto, o autor aponta que é importante que pais e educadores conheçam entidades gays que possam ajudar o jovem na definição de sua orientação sexual.

A Igreja, como um todo, é contra a homossexualidade?

A Igreja, em sua vertente tradicional, a desaprova. À vezes, há pessoas religiosas que afirmam: não somos contra a homossexualidade, mas somos contra a sua prática. Ser contra a sua prática está relacionado à visão do sexo ligado à procriação, o que impede de concebê-lo como possibilidade de troca afetiva e de interação com o outro.

Quando os religiosos afirmam que não são contra a homossexualidade porque a entendem como algo inato, de forma indireta, podem dar margem a que ela seja entendida como uma doença.

No caso da Igreja católica, sua desaprovação, considerando a homossexualidade como um pecado e como um desvio da vontade de Deus, pauta-se, principalmente, nas normas oficiais advindas do Vaticano, que são expressas em documentos, como as encíclicas. A Igreja protestante, por outro lado, pauta-se nas normas advindas, diretamente, da interpretação bíblica.

Há, porém, uma postura progressista da Igreja que admite a possibilidade da diversidade sexual, encarando que o essencial é a preservação dos valores morais cristãos fundamentais, quais sejam: a justiça, a igualdade, a fraternidade e o amor. Considera-se que a pessoa pode viver sua sexualidade com liberdade e responsabilidade, desde que preserve esses valores que são fundamentais, alimentam a fé cristã e asseguram um viver harmonioso e feliz. Segundo esta perspectiva, os líderes religiosos deixam de ditar regras sobre o que é

certo e o que é errado em termos de comportamentos sexuais (FIGUEIRÓ, 2001).

Se o educador é religioso e tem dificuldade em desvencilhar-se dos ensinamentos de sua Igreja, que prega que Deus desaprova a homossexualidade, mesmo assim, pode contribuir com o combate à homofobia?

A nenhum educador é pedido que aceite sem reservas a homossexualidade. Porém, ele tem o compromisso profissional de compreender e de tomar conhecimento do que a Ciência tem a dizer sobre a questão. E, sobretudo, tem o dever de oportunizar aos alunos que também conheçam o ponto de vista da Ciência e revejam, criticamente, os mitos e tabus que cercam o assunto.

Num debate em grupo, na sala de aula, deve-se dar livre acesso a várias pessoas para que possam expressar seus pontos de vista, inclusive religiosos, a fim de que os alunos tenham acesso às maneiras diversas de as pessoas encararem o assunto. O professor não pode defender o seu valor religioso, tampouco tentar convencer o aluno.

O que se deve fazer quando os meninos, por volta de seis anos, aproximadamente, costumam ficar passando a mão na bunda um dos outros? Os pais precisam ser comunicados de que seu filho vem tendo este comportamento? É preciso encaminhar a criança ao psicólogo?

Perguntei à professora que pediu este esclarecimento, o que ela achava que aconteceria se chamasse os pais, ao que ela respondeu que eles ficariam tão sem saber o que fazer, quanto ela. Trata-se apenas de uma brincadeira entre crianças e que deve ser vista de forma tranqüila e natural; se o adulto não interferir, possivelmente, pode até parar de acontecer. Não há mal algum que meninos, brincando, passem a mão na bunda um do outro. Caso um dos meninos reclame, a professora pode reuni-los para conversar sobre que não devemos deixar o outro tocar em nosso corpo em partes que consideramos íntimas, que não queremos; mostrar que é direito nosso

nos defendermos da invasão em nosso corpo e que é um dever de cada um não invadir o corpo do outro.

Já encontrei educadoras que me disseram sentir-se apreensivas diante da possibilidade de uma aluna homossexual lhe passar “uma cantada”. A dúvida seria: O que fazer se isto acontecer?

Nestas ocasiões, deve-se agir com a mesma naturalidade e postura profissional com que se agiria caso a “cantada” viesse de um aluno. É importante compreender que o não saber como agir, assim como o ficar apavorada diante daquela possibilidade, é devido, simplesmente, às concepções – não positivas e cheias de tabus e preconceitos – que se tem sobre a homossexualidade.

Alguns professores acham que falar sobre homossexualidade pode contribuir para tornar outros alunos homossexuais.

Vera Paiva (2000), em seu livro “Fazendo Arte com Camisinha”, afirma que falar de homossexualidade não inventa novos homossexuais. O conversar a respeito, assim como a própria visibilidade da homossexualidade e da manifestação de afeto entre pessoas homossexuais pode, sim, servir de auxílio aos que se encontram duvidosos sobre sua orientação sexual, sobre assumir-se ou não.

No entanto, não podemos deixar de considerar a possibilidade de que a visibilidade da homossexualidade pode contribuir para o favorecimento do exercício de encontrar-se sexualmente. Sobre isto, fala, com muita propriedade, Naumi de Vasconcelos (1993), quando trata da homossexualidade feminina:

Nossa sexualidade é essa pepita. Coberta por muita pedra bruta (a lei, a censura) e muita lama (as sucessivas camadas de preconceitos, as idéias falsas, de malícia e desrespeito), que sobre ela se avolumam desde que nascemos, reforçadas pelo processo de educação. O resultado é que muitos desistem de se encontrar sexualmente. Resignam-se, ou se iludem. Mesmo aqueles que têm um prenúncio desse encontro quase sempre se atemorizam. Um desejo imprevisto, numa hora imprevista, é coisa que acontece a muita gente e que leva à corrida impulsiva a um confessorário ou a um divã psicanalítico, para se expurgar do perigo. Isto é uma pena, pois a ocorrência dessas situações é sinal certo de que estamos no caminho da descoberta de nossa sexualidade. A Educação Sexual deve preparar as pessoas para acolherem suas surpresas. (p.346)

ABORDAGENS DE EDUCAÇÃO SEXUAL E O COMBATE À HOMOFOBIA

Professores têm denunciado sua grande dificuldade em como agir diante da questão da homossexualidade na escola, seja pela presença de pessoas homossexuais, seja porque o assunto é trazido em forma de perguntas, ou de brincadeiras, muitas vezes, carregadas de agressão. Acredito que se os profissionais se dispuserem a pensar sobre o tema, a entender a sexualidade humana em sua complexa riqueza e diversidade, eles próprios saberão agir de maneira autônoma e positiva. Pela experiência, sabemos que este aprendizado é um processo moroso, sendo um dos principais caminhos, a busca pelo conhecimento, através da leitura e do estudo, o que possibilita a revisão de conceitos, pensamentos e sentimentos.

No entanto, só um comprometimento com uma concepção mais ampla e socialmente significativa de Educação Sexual é que possibilitará, aos profissionais, educar crianças, jovens e adultos, num contexto de combate à discriminação sexual e de promoção da cidadania homossexual. Que concepção é esta? É a que está vinculada à Educação Sexual Emancipatória que, além de envolver o cuidado com o ensino dos conhecimentos da Biologia e da Fisiologia da sexualidade, vê, na Educação, o caminho para construir a aceitação das diferenças, o respeito pela minoria e o combate a toda situação de opressão e de violência sexuais. Nesta perspectiva, a Educação Sexual é concebida, sobretudo, como um processo permanente de lutas pela transformação das relações de gênero e dos padrões de relacionamento sexual e, ainda, pelo resgate do erotismo, ou seja, do prazer sexual e da visão positiva da sexualidade (FIGUEIRÓ, 2001, 2006; GOLDBERG, 1988).

Num estudo anterior que realizei, para minha Dissertação de Mestrado (FIGUEIRÓ, 2001), aponte a existência de várias abordagens sobre Educação Sexual. O que significa isto? Sempre que um educador trabalha no ensino de alguma questão ligada à sexualidade, podemos encontrar – por trás de sua postura, das

estratégias de ensino que utiliza, dos objetivos que estabelece, e, ainda, de sua concepção a respeito do seu papel e do papel do aluno – o comprometimento com uma determinada abordagem, isto é, com uma determinada visão de Educação.

Assim, no campo da Educação Sexual, temos a possibilidade de quatro Abordagens, a saber: Médica, Pedagógica, Emancipatória e Religiosa.¹⁰

Começemos pela Abordagem Médica, pois temos que considerar que todo médico ou profissional da área da Saúde é, também, um educador. O sentido fundamental dessa abordagem é a díade saúde-doença, com ênfase na ação terapêutica para tratamentos de desajustes sexuais, ansiedades ou angústias relativas à sexualidade. Nesta perspectiva, é valorizado o fornecimento de informações no contexto da relação terapêutica, ou de programas preventivos de saúde pública, para assegurar a saúde sexual do indivíduo e da coletividade.

Na Abordagem Pedagógica, o processo ensino/aprendizagem é a característica fundamental. É dada ênfase ao aspecto informativo, no qual pode-se incluir, também, o aspecto formativo, mediante a discussão de valores, atitudes e sentimentos. Tanto esta abordagem, quanto a anterior, encaram a Educação Sexual como meio de levar o indivíduo a viver bem a sua sexualidade, com liberdade, prazer e segurança. Isto é importante, mas é um trabalho limitado, por este motivo, o que propõem os estudiosos comprometidos com a Abordagem Emancipatória, ou política, é dar um passo além, conforme se descreve a seguir.

A Abordagem Emancipatória, já esclarecida inicialmente, e que também é denominada de abordagem política, tem como característica essencial o fato de perceber, na Educação Sexual, um compromisso com a transformação social, conduzindo as discussões para as questões que envolvem a relação de poder, a aceitação das diferenças e o respeito pelas minorias. Nesta perspectiva, há também a preocupação com o bem estar afetivo-sexual e a felicidade da pessoa, em particular.

¹⁰ A síntese das Abordagens apresentada foi retirada do artigo publicado (FIQUEIRÓ, 1996).

Considerando que líderes religiosos contribuem e atuam no campo da Educação Sexual (e o fazem, mesmo que de maneira informal, e, até sem saber, muitas vezes), uma outra perspectiva ligada ao ensino da sexualidade é a Abordagem Religiosa, que se subdivide em tradicional, questionadora e liberadora.

O sentido fundamental da Abordagem Religiosa tradicional é a formação do cristão, sendo o sexo vinculado ao amor pelo parceiro, ao casamento e à procriação. A vivência da sexualidade está condicionada à submissão às normas religiosas oficiais, no caso da abordagem católica, e às mensagens bíblicas, no caso da protestante.

A Educação Sexual religiosa tradicional não existe como modelo único, padronizado, sendo possível encontrar variações ao longo de um *continuum*, no qual, num dos extremos, tem-se uma atitude “conservadora”, totalmente submissa às regras estabelecidas e, no outro extremo, mais avançado, uma atitude “questionadora”, conforme posição do teólogo Guy Durand (1989).

A atitude religiosa questionadora implica seguir as normas religiosas oficiais, no catolicismo, ou guiar-se pela interpretação literal da Bíblia, no protestantismo, mas, ao mesmo tempo, esforçando-se por adaptar tais normas, ou as mensagens bíblicas, à cultura, ao contexto social, histórico, político e econômico de cada época. Além disso, esta abordagem, diferentemente da tradicional, procura levar em consideração as contribuições das várias ciências (DURAND, 1989).

Abordagem Religiosa liberadora, católica ou protestante, é aquela em que há uma ênfase na formação do cristão, ao invés da preocupação com as normas defendidas pelos líderes religiosos. Esta Abordagem coloca, em primeiro plano, a conservação dos princípios cristãos fundamentais, como, por exemplo: o amor, o respeito mútuo e a justiça. A Educação Sexual é encarada como instrumento de transformação social, partilhando, assim, os pressupostos da Abordagem Emancipatória.

A Educação Sexual só poderá contribuir para o combate à homofobia se estiver, primeiro, fundamentada em uma abordagem

comprometida com a transformação social e, segundo, se estiver atrelada à educação para autonomia intelectual e moral, na qual os educandos aprendam a ser sujeitos de sua sexualidade, tomando decisões e fazendo escolhas, com liberdade e responsabilidade. O respeito à diversidade só será construído se for pautado numa educação baseada em valores, envolvendo a justiça, a igualdade, a solidariedade, a integridade, o auto-respeito e o respeito incondicional ao outro.

CAPÍTULO III

DIVERSIDADE SEXUAL:
ELEMENTOS PARA A PRÁTICA
PROFISSIONAL EDUCATIVA

HOMOSSEXUALIDADE E ESCOLA : UMA RELAÇÃO A SER CONSTRUÍDA

Ana Cristina P. Gameiro*
Carla Campana*

No ano de 2005, foi realizada, na Universidade Estadual de Londrina, uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistadas oito pessoas homossexuais assumidas, sendo cinco do sexo masculino, cujas idades eram: 22, 23, 25, 34 e 44 anos e três do feminino, de 19, 21 e 22 anos. O ponto em comum que se buscava é que todos tivessem passado por uma instituição de ensino escolar. A entrevista semi-estruturada continha oito questões e foi gravada, com a devida autorização do entrevistado, e, transcrita, posteriormente.

Um dos principais objetivos foi conhecer as dificuldades envolvidas no descobrir-se homossexual e compreender como a Educação Sexual, seja ela informal, ou formal, acontecida na escola, na fase em que os entrevistados eram estudantes, interferiu nesse processo.

Procurou-se investigar vários pontos, entre eles: a visão que se tem da homossexualidade no contexto escolar; a forma como os professores abordam, ou deixam de abordar, este tema no espaço da escola e as implicações do preconceito, no ambiente escolar, para as pessoas homossexuais.

* Estudantes da quinta série de Psicologia da UEL. Este texto traz partes dos dados da pesquisa realizada por elas na disciplina Tópicos Avançados em Psicologia, da 4ª série. (GAMEIRO; CAMPANA, 2005)

Segundo opinião das pessoas entrevistadas, é notória a ausência de informações, por parte da escola, para seus alunos, sobre a sexualidade, em especial, sobre a homossexualidade. Neste ponto, os oito entrevistados foram unânimes ao afirmar que não receberam informações e esclarecimentos sobre o que vem a ser a homossexualidade, julgando como falha esta postura da escola. Algumas das falas dos entrevistados sinalizam o vazio deixado por este tipo de omissão:

[...] Eu aprendi muita coisa na vida, com amigos, namorados, porque na escola nunca falaram nada sobre isso... Isso é terrível.

[...] Então a formação do colégio me ajudou mais como não ser, do que como ser. Porque a parte do ser, eu tive que encarar sozinho, buscar sozinho; então, nisso, o colégio fez falta, com certeza!

[...] É muito complicado descobrir sozinho, é igual levar um tapa na cara [...].

Sobre o ensino da sexualidade na escola, é peculiar e merece ser destacada a fala de uma garota de 21 anos, que foi entrevistada. Disse ela:

Nas escolas que eu estudei, sempre tinha Educação Sexual; algumas palestras sobre Educação Sexual; na verdade, educação heterossexual, né? Nunca foi abordado em nenhuma escola que eu estudei, ou que eu conheça, a questão de diversas orientações sexuais. É sempre abordado o homem e a mulher juntos; nunca foi abordada idéia de que existem homens que gostam de homens, existem mulheres que gostam de mulheres.

Ao serem questionados sobre as suas recordações mais marcantes do período escolar, o relato de quatro, dos oito entrevistados, foi de desabafo acerca do preconceito sofrido por eles ou por outros homossexuais que faziam parte do seu convívio. Assim, falavam dos comentários que ouviam em relação ao jeito de se vestir, das pressões feitas pelos colegas para se relacionarem com pessoas do sexo oposto, do uso de expressões pejorativas e, sobretudo, do afastamento dos amigos. Muitas vezes, o preconceito era expresso por meio de brincadeiras maldosas, como um dos entrevistados relatou:

[...] No fim do ano, como era de costume na minha escola, eu deixei meus colegas assinarem na minha camiseta. Quando eu cheguei em casa e fui ver, uns garotos tinham escrito nas costas coisas assim: seu gay, viadinho, seu bicha! Nossa, eu fiquei com muita raiva, joguei a camisa fora [...].

Um outro rapaz afirmou: *Eu tinha medo de ir para a escola; tinha uma época que eu não ia na escola, pra ninguém me 'encher o saco', porque atrapalha a aula, porque eles me provocam [...]*

Um quinto rapaz entrevistado, que fez referências a recordações marcantes do período escolar, apontou uma lembrança positiva: relatou que um amigo lhe disse sentir-se privilegiado com sua convivência, alegando que ele havia provocado nele uma mudança de pensamento acerca da homossexualidade, abalando os preconceitos que possuía.

Voltando à questão do preconceito vivido na escola, por meio de comentários e expressões pejorativas, é preciso cuidar quando existe agressão verbal. Este tipo de atitude pode ser evitado por meio da educação e da reflexão a respeito da diversidade, prevenindo-se, desse modo, que agressões evoluam e cheguem a conseqüências mais sérias, como temos visto acontecer. É o que se pode deduzir da fala de um outro entrevistado, com relação a um colega da escola, também homossexual: *[...] Ele sofria preconceito sim. Era agredido verbalmente; eu nunca presenciei agressão física, mas eu acho que, pelo nível da agressão verbal, provavelmente, ele já tinha sofrido agressão física. [...]*

Com relação à opinião sobre a postura dos professores diante da diversidade, a pesquisa mostrou que os oito entrevistados percebem, nos mesmos, dois tipos de atitudes preconceituosas: a omissão frente a verbalizações agressivas dirigidas aos alunos homossexuais e deboches por meio de comentários pejorativos, porém, nunca explícitos, advindos dos próprios professores.

Um dos entrevistados fez a seguinte afirmação: *[...] Eu já ouvi vários comentários pejorativos (por parte dos professores), nunca explícitos; mas, diziam assim: já que não tem nenhum homossexual aqui, vou fazer uma piadinha [...]*

Segundo pesquisa feita pela UNESCO (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004), os professores, muitas vezes, não apenas silenciam diante das discriminações sofridas por jovens homossexuais, mas “colaboram ativamente na reprodução de tal violência” (p.278). O estudo também aponta para a seguinte e lamentável constatação: “Muitas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas, e não entendidas necessariamente como violências” (p.278).

Os professores e familiares precisam proteger, sempre, o jovem homossexual contra agressões físicas e verbais. Os abusos e o tratamento violento devem ser denunciados e punidos, devendo as pessoas homossexuais ter sua privacidade e liberdade respeitadas.

Ficou clara a demanda dos entrevistados para que os jovens recebam uma Educação Sexual mais esclarecedora, que enfoque a homossexualidade sob a ótica da normalidade, da naturalidade. Apenas um entrevistado, que é do sexo masculino, foi contrário a se falar sobre o tema para os alunos, com medo da reação dos pais. Para um outro rapaz entrevistado, o trabalho da escola é fundamental, pois a falta de informação sobre o tema pode levar o/a adolescente a procurar outras fontes de aprendizagem, gerando uma prática sexual precoce e imatura, conforme relatado diretamente por um dos entrevistados que disse: *[...] Como eu nunca tive contato com pessoas falando sobre homossexualidade, eu parti para uma prática que eu poderia ter esperado mais. [...]*

Este mesmo rapaz, continuando a defender o ensino da sexualidade, afirma: *Eu acho que se esse assunto for mais tocado, não só em aulas, mas mais tocado pegando ganchos para falar numa boa, pode ajudar nisso [esclarecendo pessoas que são homossexuais]. Uma educação mais natural e menos formal. E também tirar um pouco da moral também, que é falado na escola, sobre a homossexualidade e também a sexualidade em geral: transar antes do casamento é imoral e tal. Além de menos formal, menos moral.*

Uma garota de 23, entrevistada, comenta que a escola deve tratar do assunto com os alunos, caso contrário, eles acabam ficando

apenas com a visão religiosa, ou seja, aquela que considera pecado e vê maldade na relação entre iguais. Um outro rapaz, de 25 anos, comenta que: *Eu acho que devia ter conversa aberta mesmo, francamente: Hoje a gente vai falar de homossexualidade. Olha, é isso, isso e isso! [...] Então eu acho que deveria ser uma conversa franca mesmo, como a gente está tendo agora* [entre entrevistadora e entrevistado].

A escola só será moderna e democrática quando for um espaço de inclusão social. A diferença não justifica a estigmatização ou a marginalização. O respeito à diferença e o direito à singularidade são premissas básicas na construção desse espaço no qual todos são diferentes e que cada um, com sua individualidade, é importante, podendo contar com o reconhecimento, orientação e apoio de todos.

CONVIVENDO COM A DIVERSIDADE SEXUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Claudia Ross*
Edson Bezerra**
Elaine Alves*
Elma Mathias Dessunti*
Zeneide Soubhia*

Desde a organização do Sistema Único de Saúde, discute-se a necessidade da formação de recursos humanos, responsáveis pelas ações de saúde, com perfil crítico, autônomo, ético e capaz de resolver problemas e transformar a realidade. Neste contexto, os docentes da área de doenças transmissíveis do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina propuseram-se a realizar atividades com a população de transgêneros, inserindo os alunos em ações de promoção da saúde e prevenção de doenças, especialmente relacionadas às DST/aids e em ambientes que ultrapassassem os muros acadêmicos. O contato das docentes com transgêneros nas atividades da Comissão Municipal de Prevenção e Controle de DST/aids favoreceu a abertura de espaço junto a Adé Fidan (Homens de fino trato), uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atua em Londrina, com travestis, além de garotos de programa. O presente estudo teve, por objetivo, relatar essa experiência no currículo de graduação, que vem ocorrendo desde 2003.

*Enfermeiras. Docentes do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Londrina.

**Coordenador da OSC Adé Fidan, de Londrina.

Em 2003, alunos e docentes permaneceram, diariamente, na OSC, visando o atendimento das necessidades imediatas e, semanalmente, realizando oficinas. No ano seguinte, foram introduzidas as oficinas sobre diversidade sexual, ministradas pelas travestis aos alunos e docentes na sede da OSC, mantendo-se as oficinas ministradas por alunos e docentes à população que freqüentava essa organização. Essas atividades eram realizadas semanalmente e abordavam temas selecionados, previamente, pelas travestis, como: DST/aids, hepatites, tuberculose, higiene pessoal, medicamentos antiretrovirais, drogas, entre outros.

A convivência de alunos e docentes com as travestis durante esses anos possibilitou a troca de experiências, a realização de educação em saúde e, principalmente, a superação de preconceitos frente às travestis. Permitiu, ainda, a aproximação com as terminologias empregadas para diferenciar os comportamentos homossexuais. Termos comumente utilizados entre os profissionais da saúde, como 'preferência' e 'opção sexual', não devem ser empregados, pois implicam que os homossexuais, por exemplo, optam por ser homossexuais. Caba e Stein (apud POORMAN, 2001) destacam que, embora os comportamentos sexuais realmente envolvam escolha, a orientação sexual inclui emoções e atração erótica e pode ser geneticamente determinada, em vez de representar uma questão de livre arbítrio. O termo mais apropriado, nesta situação, é orientação sexual que significa atração afetiva e/ou sexual de uma pessoa por outra, incluindo desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Nesse contexto, a homossexualidade pode ser classificada de acordo com o padrão de conduta e/ou identidade sexual (BRASIL, 2004):

HSH: Homens que fazem sexo com homens. Esta sigla é utilizada, principalmente, pelos profissionais da saúde para se referirem a homens que mantêm relações sexuais com outros homens, independente destes terem identidade sexual homossexual.

Homossexuais: indivíduos que têm orientação sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo.

Gays: indivíduos que se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo, assumindo estilo de vida de acordo com sua preferência.

Bissexuais: indivíduos que se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas de qualquer sexo, assumindo, abertamente, ou não, essa sua conduta sexual.

Lésbicas: refere-se às homossexuais femininas.

Transgêneros: engloba tanto travestis quanto transexuais. Fisiologicamente, é um homem, mas se relaciona com o mundo como mulher.

Transexuais: pessoas que não aceitam o sexo que ostentam anatomicamente. Sendo este o fato psicológico predominante na transexualidade; o indivíduo identifica-se com o sexo oposto, embora dotado de genitália externa e interna de um único sexo.

Existe, ainda, a expressão drag queen que, segundo Chidiac e Oltramari (2004), refere-se a atores transformistas (homossexuais ou não), que, no seu cotidiano, andam vestidos de homem, exercendo profissões diversas, não afeitas ao transformismo, durante o dia. Entretanto, a maioria das drags queens tem saído dos espaços exclusivamente GLBTT (Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e transgêneros) para executarem performances nos mais diversos ambientes.

O trabalho da Adé-Fidan, desenvolvendo atividades de inserção social e de conscientização sobre os direitos e deveres das travestis, foi visto, pelo grupo de alunos do curso de Enfermagem, como um exemplo de luta e coragem para enfrentar a discriminação da sociedade e melhorar a auto-estima dessa população.

Considera-se esta experiência enriquecedora, contribuindo para o crescimento pessoal e profissional de docentes e alunos, assim como para a melhoria da qualidade da assistência e da qualidade de vida das travestis.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA TRABALHAR O COMBATE À HOMOFOBIA

Lilian Baccarin Batistela*
Luciana Aparecida de Azevedo*
Michele Midori Iwakura Rodrigues*

A Educação Sexual vem sendo reconhecida, pela maioria dos professores como necessária e importante no processo formativo dos alunos, entretanto, em muitos momentos, se vêem diante de um dilema: Como trabalhar o tema da sexualidade com nossos alunos? O despreparo, a insegurança e, principalmente, o desconhecimento de estratégias específicas, que facilitariam este trabalho, são em grande parte alguns dos impeditivos para o desenvolvimento efetivo de uma Educação Sexual.

Para começar um trabalho de Educação Sexual, é bom que o professor, primeiramente, investigue temas de interesse dos alunos e, a partir disso, utilize estratégias para debater os assuntos, privilegiando a discussão dos diferentes pontos de vista e possibilitando que os mesmos cheguem às suas próprias conclusões. As dinâmicas não devem ser utilizadas como um fim em si mesmo, mas sim como um instrumento mediador que oportunize espaços para que os educandos reelaborem seus conceitos (FIGUEIRÓ, 2003b).

Há várias estratégias de ensino que facilitam a integração entre a turma, proporcionando troca de experiências e de opiniões e que,

* Psicólogas – monitoras do Projeto de Formação de Profissionais para a Educação Sexual, o Combate à Homofobia e a Promoção da Cidadania Homossexual – UEL/MEC/SECAD.

por isso, podem se tornar um instrumento útil para o professor desencadear reflexões, em sala, sobre temas específicos da sexualidade.

Em todo o trabalho de ensino da sexualidade, independente da temática que se esteja tratando, é preciso não se limitar à aulas expositivas, tendo cuidado para que este não seja um monólogo, em que apenas o professor fale. É necessário desenvolver o diálogo em sala, dar espaço para a fala dos alunos e possibilitar a expressão de opiniões e de sentimentos a respeito do tema em questão. Assim, são oportunizados momentos de escuta e troca de idéias entre os alunos, sendo o professor um mediador destas interações, onde, a partir deste espaço, ele pode auxiliá-los a conhecer as informações científicas e debater questões sociais.

E quais as maneiras de abordar o tema da homossexualidade dentro do trabalho de Educação Sexual? Como iniciar um trabalho sobre este assunto?

Para se começar a trabalhar a questão, é bom partir de um levantamento de opiniões e sentimentos que os educandos têm a respeito. Pode-se fazer isto, por exemplo, usando o exercício de completar frases, no qual o educador distribui folhas contendo frases para que seus alunos completem, oportunizando, depois, uma discussão. Vejamos alguns modelos: - Sobre a homossexualidade, penso que.....; - As pessoas homossexuais são.....; - A presença de um colega homossexual na minha sala ou no meu trabalho.....; As dúvidas que tenho a respeito da homossexualidade são.....

Uma outra idéia é pedir para os alunos elaborarem uma redação a respeito do assunto. Uma descrição de alguma história já vivenciada por pessoas próximas ou pela própria pessoa também abre a oportunidade de sensibilizar o grupo. Tal dinâmica é interessante para se desenvolver nas aulas de português, uma vez que envolve a elaboração de um texto, embora possa ser utilizada, também, por professores de quaisquer outras matérias.

O uso da dramatização, onde o educador distribui os papéis para seus alunos e assim, despersonaliza as opiniões de cada um

através de personagens, é capaz de aproximar os atores de uma realidade, muitas vezes, tão próxima, mas nem sempre percebida. A escolha de situações para serem encenadas pode ser, tanto de histórias reais como fictícias, sendo estas retiradas de manchetes de jornais, revistas ou cenas de novelas. Os alunos, após a dramatização, podem encenar, novamente, invertendo os papéis e em seguida, aproveitar a oportunidade para falar de suas impressões e sentimentos.

Outra atividade possível é o uso de recorte e colagem, na qual os alunos fazem recortes de figuras de revistas e elaboram um cartaz representando, por meio das imagens selecionadas, a opinião que têm sobre a homossexualidade. Concluído o cartaz, devem explicar, para todos, o significado de cada elemento, bem como de seu conjunto e as opiniões e os sentimentos expressos devem ser explorados pelo professor.

Recursos como filmes, músicas, cenas de novelas, livros de literatura, pesquisa e manchetes de revistas e de jornais podem ser utilizados para explorar a temática de maneira diversificada, envolvendo o aluno de forma ativa e prazerosa. Estes recursos trazem consigo a importância de atualizarmos as leituras e os conhecimentos gerais a partir de uma interpretação crítica dos acontecimentos e produções culturais.

Entrevistar pessoas sobre questões ligadas ao preconceito e à homossexualidade facilita o contato com as diversas opiniões a respeito do assunto e, ainda, aumenta a percepção dos alunos sobre a necessidade de se combater idéias errôneas e preconceituosas presentes na sociedade.

O educador sensível e incomodado com a homofobia fica alerta para aproveitar todos os momentos nos quais é possível conversar e esclarecer a respeito. No guia Educando para a Diversidade (REIS, 2005), o CEPAC (Centro Paranaense de Cidadania) registrou, através de grupos focais com educadores/as da rede pública de Curitiba, o seguinte depoimento:

Eu converso com meus alunos sobre homossexualidade, mas aproveito todos os momentos. Quando surgem brincadeiras ou piadinhas sobre o assunto, costumo perguntar: Qual o botão que você apertou para definir sua orientação sexual? Procuo mostrar que não é uma opção, mas um desejo que precisa ser respeitado. (p.33)

O professor pode realizar exercícios de reflexão a partir da pergunta acima ou elaborando outras, com criatividade, levando os alunos a pensar sobre o processo de definição da orientação sexual, ponderando se é um processo consciente e controlável, ou se é uma opção voluntária ou não.

No livro *Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola* (BARROSO; BRUSCHINI, 1991), há a descrição de uma estratégia interessante realizada pelas autoras, no qual utilizam um questionário para o aluno preencher, individualmente, se concorda ou discorda de cada afirmação feita sobre homossexualidade. Em seguida, a coordenadora realiza um debate em que cada um defende seu ponto de vista; para fechar cada um dos pontos de discussão ela vai fechando com o embasamento científico necessário para completar as informações.

Outro material a ser lembrado é o livro *Aprendendo a ser e a conviver* (SERRÃO; BALEEIRO, 1999), por trazer várias dinâmicas de grupo, entre elas, a técnica *Abrigo*, que pode ser utilizada para reconhecer e identificar preconceitos, para assim perceber a influência destes em nossas atitudes do dia a dia e a técnica denominada "Ouvi dizer que...", para levantar informações, dúvidas e tabus do grupo em relação à homossexualidade.

Intercalando teoria e prática, em seu livro: "Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica", Rena (2001) descreve um trabalho realizado com adolescentes da zona rural e urbana do interior de Goiás. Neste livro, pode-se encontrar relatos do trabalho realizado, descrições de dinâmicas que favorecem o entendimento da sexualidade.

Há, portanto, muitas dinâmicas que podem ser utilizadas pelo educador, tanto na escola, quanto em outros ambientes educacionais. Um aspecto importante no uso de dinâmicas para o fortalecimento do

respeito às diferenças está no seu trabalho contínuo, pois, um trabalho pontual com os alunos não é suficiente para reelaborarem suas idéias que há tanto tempo estão enraizadas na sociedade.

Após a realização de qualquer dinâmica de grupo, é imprescindível que se abra um espaço de debate sobre os elementos surgidos, discutindo as diferentes visões sobre a temática, sem o intuito de se chegar a um consenso, mas favorecendo a formação de opiniões próprias e de respeito àqueles que vivem a sua sexualidade de maneira diferente da maioria, prezando o direito de igualdade para todos (FIGUEIRÓ, 2003b).

É preciso lembrar que o educador, a partir de suas atitudes, pode ser o primeiro modelo no combate à homofobia, ao não permitir comportamentos discriminatórios entre os alunos, seja em suas falas ou no uso de nomes pejorativos, seja em quaisquer outros tipos de conduta que levem à desvalorização do indivíduo homossexual. Por exemplo, quando algum garoto demonstra interesse por poesia, mostrando-se, assim, uma pessoa sensível, e colegas da sala fazem chacotas do tipo: "Isto não é coisa pra homem; homem que é homem não se sensibiliza; isto é coisa de veado", é o educador quem deve estar apto a combater este tipo de comentário. Outro exemplo seria quando uma aluna, que se veste de modo diferente da maioria das outras meninas, sem muita preocupação com a vaidade e ouve comentários dos colegas, de que "a mulher têm que ser feminina, senão, só pode ser sapatão!" São nestes momentos que o educador tem a oportunidade de impedir que estas idéias se perpetuem. Ele pode discutir, com os alunos, sobre como é ser homem, como é ser mulher e o que é preciso para considerar-se homem e mulher, promovendo questionamentos sobre as regras estereotipadas.

Embora, a princípio, possa parecer difícil trabalhar no combate à homofobia, o educador deve lembrar-se de que, na base destas intervenções, perpassa o respeito às diferenças de cada um e o reconhecimento da igualdade de direitos e de deveres. Assim, ao ajudar a construir o respeito mútuo e a valorização do ser humano, levando-se em conta a riqueza da diversidade, o combate à homofobia tornar-se-á menos complexo do que se possa imaginar.

FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO: SINOPSES

Lilian Baccarin Batistela *

Luciana Aparecida de Azevedo *

Michele Midori Iwakura Rodrigues *

Ao 'lermos'/vermos/ouvirmos um filme, uma peça de teatro, uma apresentação musical, nos vemos e vemos ao outro; isso pode nos ajudar em nossos desempenhos sociais ao longo da vida. A cada cidadão/cidadã, que ao participar dos eventos culturais, melhora seu entendimento de si mesmo e do mundo, há o repercutir disso em seu meio familiar, de amigos, de trabalhos.

Lucinea A. de Rezende

A gaiola das loucas. (1996, EUA) Um casal homossexual, um deles dono de uma casa noturna, o outro, atração da casa como "cantora" - vive sem problemas até que o filho (heterossexual) do primeiro pede que eles se comportem de maneira adequada ao serem apresentados aos pais da noiva.

Texto adaptado a partir do site: <<http://casadamaite.locaweb.com.br/sexualidade/homo/filmes/filme6.html>>. Acesso em: 21 jun. 2006.

* Psicólogas – monitoras do Projeto de Formação de Profissionais para a Educação Sexual, o Combate à Homofobia e a Promoção da Cidadania Homossexual – UEL/MEC/SECAD, responsáveis pela organização das sinopses.

Alexandre, o Grande. (2004, EUA) Um filme sobre a vida de quem foi provavelmente o maior conquistador de todos os tempos - e que gostava de homens. Alexandre nasceu na Macedônia, país que fazia parte da Grécia, conquistou boa parte do mundo conhecido no século IV a.C. e foi responsável pela disseminação da cultura grega por todo o mundo árabe, egípcio e em grande parte da Ásia. Os historiadores da época, como Plutarco, descrevem a forte amizade de Alexandre com Heféstion, seu amigo de infância, e relatam que ele enlouqueceu quando seu amigo morreu. Naquela época, a bissexualidade era a norma, e não importava se as pessoas amavam homens ou mulheres; simplesmente se amava.

Texto adaptado a partir do site: <<http://mixbrasil.uol.com.br/troctroc/arena/herois/herois.asp>>. Acesso em: 22 jun. 2006

Alma de poeta, olhos de Sinatra. (1988, EUA) Conta a história de uma garota inteligente e que sonha com a chegada de um grande amor. O filme passa-se em preto em branco até o momento em que ela encontra David. Os olhares se cruzam e é amor à primeira vista. Tudo torna-se colorido. O destaque gay do filme fica com Rob, o primo da moça, que faz o papel de um bom moço que é muito amigo da prima e que ajuda na cafeteria do pai. Ele finge durante todo o tempo para o pai que é hetero, inclusive inventando que uma amiga é sua namorada. O ponto maior vem no fim, quando a prima vai viajar e ele finalmente toma coragem e conta para o pai que é gay. O pai fala assim: "Puxa, era isso então que você tinha para me contar??? Eu pensei que você tivesse matado alguém.... Eu já sabia que você era gay.. por isso eu ficava te pressionando para você falar... E até que enfim você falou... Eu te amo tanto. Só quero que você seja feliz... O que te fizer feliz, me faz feliz....Mas sem detalhes, certo????".

Texto adaptado a partir do site: <<http://casadamaite.locaweb.com.br/sexualidade/homo/filmes/filme6.html>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

Beijando Jessica Stein (2002, EUA) A vida de solteira para Jéssica Stein, um atraente jornalista, não é nada divertida. Ela está atrás de um novo romance, mas a garota é muito exigente. Quer alguém que seja inteligente, fale difícil e, ainda por cima, encantador. E o que é pior: ela vive numa

selva cheia de homens estúpidos, chamada Nova York. Jessica decide então dar outros rumos à sua vida ao responder a um anúncio do jornal, mesmo sendo na seção "Mulher Procura Mulher". Para sua surpresa, ela acaba encontrando sua "alma gêmea"...

Texto adaptado a partir dos sites: <<http://www.foxsearchlight.com>> <<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=92> - 26k> <http://www.interfilmes.com/filme_12738_Beijando.Jessica.Stein%5BKissing.Jessica.Stein%5D.html>. Acesso em: 20 jun. 2006.

Billy Elliot (2000, Inglaterra) Billy Elliot, é um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, ao qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé, que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade e preconceito de seu irmão, seu pai e de toda comunidade à sua nova atividade.

Texto adaptado a partir do site: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/billy-elliott/billy-elliott.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2006.

Doce novembro (2001, EUA) Nelson e Sara não têm nada em comum a não ser uma hora terrível no Departamento de Veículos para o exame de habilitação. Interessados um pelo outro, mas sem estarem preparados para se envolver, eles estabelecem um namoro nada convencional. Uma relação de um mês, após a qual seguirão caminhos separados. Sem expectativas. Em meio a esse romance incomum entra em cena um personagem chamado Chaz Whatley, que é um publicitário famoso. "Chaz" é seu nome quando faz o papel de homem e "Cherry" quando está travestido de mulher. Chaz é compreensivo, participativo e confidente. Quando vê Nelson usando seu moletom, em vez de reclamar, diz que o moletom cai bem em Nelson e que ele pode usá-lo. Enquanto ajuda a emocionalmente confusa Sara a preparar a ceia do "Dia de Ação de Graças", dá uma força para ela continuar com Nelson, dizendo: "Algo que aprendi foi ter aqueles que me amam à minha volta pelo máximo de tempo possível".

Texto adaptado a partir do site: <<http://www.chamada.com.br/mensagens/print.php?id=340>>. Acesso em: 20 jun. 2006.

Do que é feita uma família (2001, EUA) Janine e sua companheira Sandy resolvem fazer uma inseminação artificial para ter um bebê. Quando Sandy, a mãe biológica, morre, Janine tem de lutar contra o preconceito e enfrentar uma batalha judicial com a família dela, que quer a guarda definitiva da criança.

Texto adaptado a partir do site: <<http://www.tudonoar.uol.com.br/tudonoar/fichaBiografia.aspx?biografiaID=30780> - 22k -> Acesso em: 28 jun. 2006.

Filadélfia (2003, EUA) O jovem e prestigiado advogado Andrew Beckett exibe os primeiros sintomas de Aids. O escritório de advocacia em que trabalha o demite alegando motivos ligados ao seu trabalho, mas Andrew sabe que é porque é soropositivo. Determinado a defender a sua reputação profissional, Andrew contrata o brilhante advogado John Miller para processar a empresa por demissão injustificada. John fica inicialmente relutante em aceitar o caso. Embora John tenha crescido sabendo a dor do preconceito, aquele torna-se o momento de se confrontar com os próprios preconceitos em relação à AIDS e à homossexualidade... Um homem gay está lutando pela própria reputação, pela vida e pela justiça. O outro está batalhando para superar o próprio medo e a ignorância da sociedade.

Texto adaptado a partir do site: <<http://casadamaite.locaweb.com.br/sexualidade/homo/filmes/filme59.html>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

Jogo perigoso (1986, EUA). “História verídica da vida da tenista Renée Richards que, nascida homem, transforma-se em mulher através de uma operação transexual. Ganhou muitos campeonatos de tênis por todo o mundo. Impressionante interpretação de Vanessa Redgrave, que molda os diversos rostos e sensações da complicada personagem, sem deixar de convencer um só segundo.” (WÜSTHOF, 1995, p.111)

Kinsey: Vamos falar de sexo (2004, EUA) acompanha a jornada de um homem que irrevogavelmente mudou a cultura Americana e criou furor na mídia com seu livro “Comportamento Sexual do Homem.” O filme relata justamente as motivações do personagem-título para mergulhar em um projeto que, a princípio, parecia fugir

completamente de seu ramo de pesquisa. Casado com uma mulher de espírito igualmente moderno e mentalidade inquisitiva, o professor é uma figura fascinante não apenas pela maneira metódica com que investiga o sexo, mas também pelo relacionamento franco e aberto que mantém com a esposa e as filhas. Discutindo todas estas questões com maturidade, *Kinsey – Vamos Falar de Sexo* é um exemplo raro na Hollywood contemporânea, já que utiliza sua história para propor debates inteligentes e relevantes. A história do filme pode parecer ultrapassada; afinal, estamos em um período mais liberal quanto à sexualidade, em que podemos falar sobre sexo, no entanto, ainda cheio de preconceitos. E vejam só, tais preconceitos foram levantados por Kinsey há quase 70 anos! O fato de apresentar reações completamente opostas de algumas pessoas quanto ao assunto é o grande triunfo do filme. É como um personagem diz certo momento: “Ele convence as pessoas a falar sinceramente porque as faz perceber que ele realmente tem interesse naquilo”.

Texto adaptado a partir dos sites: <<http://cineplayers.com/critica.php?id=469>>. <http://www.cinemaemcena.com.br/crit_editor_filme.asp?cod=3643> <<http://brasil.foxinternational.com/dvd/kinsey-vamos-falar-de-sexo-1223/1223/>> Acesso em: 19 jun. 2006.

Melhor é impossível (1998, EUA) Escritor anti-social entra em parafuso depois de aceitar cuidar de cachorrinho do vizinho doente e gay e sentir-se apaixonado por uma garçonete. Pouco a pouco, o neurótico sente-se desafiado a mudar seu comportamento francamente agressivo para conviver com estas pessoas. Mas será uma empreitada e tanto para todos os lados.

Texto adaptado a partir do site: <http://www.submarino.com.br/dvds_productdetails.asp?>. Acesso em: 31 maio 2006.

O beijo da Mulher Aranha (1985, Brasil/EUA). “Um ativista político e um homossexual são encarcerados na mesma cela de uma prisão de um país sul-americano em regime ditatorial. Os dois, parecendo completamente diferentes, vão descobrir nesse contato forçado que são mais parecidos do que imaginam.” (WÜSTHOF, 1995, p.111)

O padre (1994, Inglaterra) O filme desenvolve um enredo em que o personagem principal é “levado a repensar” seus valores sociais, morais e religiosos. A história se desenvolve ao redor da figura de um jovem clérigo, que ao ser designado para uma paróquia de um pobre bairro operário inglês, descobre que seu superior vive abertamente com uma mulher. Desorientado, é levado por seus próprios desejos homossexuais, ao mesmo tempo em que presta socorro espiritual à garota que é violentada pelo pai. Acaba assim se deparando com uma realidade muito diferente da prescrita nas normas da Igreja Católica ortodoxa. Tabus religiosos como o celibato e o segredo de confissão; sociais como a homossexualidade; e outros fenômenos relevantes, como o abuso sexual infantil, são temas presentes.

Texto adaptado a partir dos sites: <<http://64.233.187.104/search?q=cache:1YAr8EO19qUJ:www.cech.ufscar.br/laprev/padre.pdf+filme+%22o+padre%22+%22Antonia+bird%22&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=2>>. Acesso em: 14 jun. 2006.

Priscilla: A rainha do deserto (1994, Austrália) Elas chegaram e, fabulosas, conquistaram a todos. Este filme australiano incrivelmente criativo, visualmente maravilhoso e incomparavelmente divertido conta a história de três *drag queens* desbravando a vastidão do deserto australiano. Com um contrato para realizar um show de *drags* nos confins do deserto australiano, Bernadette, Tick e Adam têm cada um seu motivo pessoal para querer deixar a segurança de Sydney. Batizando seu rodado ônibus de excursão com o nome de “Priscila”, essas enlouquecidas e divertidas rainhas do drama se dirigem ao deserto... onde suas espetaculares aventuras são ainda mais fantásticas do que os trajes de seus figurinos.

Texto adaptado a partir do site: <<http://www.pacificmusic.com.br/detalhe.asp?Produto=14749-52k>>. Acesso em: 31 maio 2006.

Será que ele é? (1997, EUA) Cameron Drake, vencedor do Oscar de melhor ator, ao fazer seu agradecimento de praxe ressalta a importância de Howard Brackett, seu professor de literatura inglesa, que é gay. Nem o mestre sabia disto e muito menos poderia imaginar

como sua vida seria totalmente modificada a partir deste momento, quando sua sexualidade passa a ser questionada por toda a comunidade, principalmente por sua noiva e seus pais.

Texto adaptado a partir do site: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/sera-que-ele-e/sera-que-ele-e.htm#Sinopse>>. Acesso em: 26 jun. 2006.

Sobrou pra você (2000, EUA) Abbie e Robert são amigos com muita coisa em comum: jovens, têm uma visão não-convencional da vida, inteligentes, impulsivos e um terrível azar no amor. Eles fariam um par perfeito, se não houvesse um problema: Robert é gay. Um dia, porém, quando muitos coquetéis e martinis os levam a um novo nível de intimidade, eles se transformam em pais. Um novo mundo então se abre para ambos e também para Sam, seu filho, que decidem criar como se fossem uma família comum.

Texto adaptado a partir do site: <<http://www.adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/next-best-thing/next-best-thing.htm-31k> - >. Acesso em: 27 jun. 2006.

Uma questão de amor (1978, EUA) “Enfermeira separada e seus dois filhos (um adolescente e um menino) moram com a amante e a filha dela. Ao saber da relação lésbica da mãe, o rapaz conta ao pai, que exige a guarda do caçula. O caso vai parar num tribunal. Baseado em fato verídico.” (WÜSTHOF, 1995, p.112)

O segredo de Brokeback Mountain. (2005, EUA) História de amor entre dois homens que se encontram no verão de 1963 e logo se vêem incrivelmente unidos. Mas suas tragédias e complicações trarão provações a seu relacionamento, ao mesmo tempo que lidarão com o preconceito da sociedade. “A história de amor entre dois caubóis não trata apenas de amor e da solidão, mas principalmente da homofobia que vive encravada no coração da América cristã. E o grande mérito do filme dirigido por Ang Lee é ressaltar justamente esse rancor que, se não aparece explicitamente, é descoberto nas frases cifradas, nos olhares carregados de ódio, nas vozes com sotaque de desprezo” (BRASIL, 2006, p.5).

CAPÍTULO IV

MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A QUESTÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL

HOMOSSEXUALIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA: UM BREVE OLHAR SOBRE SIGNIFICADOS E SENTIDOS

Marcelo Augusto Toniette*

Esta reflexão propõe-se apontar alguns significados e sentidos sobre a construção social da homossexualidade, bem como, sobre as principais conquistas, nesse campo, em prol do reconhecimento de direitos. A compreensão da homossexualidade só pode ser dada, considerando-se a construção social da sexualidade humana, atentando para evitar uma perspectiva envolta no reflexo do discurso higienista que, a partir do século XVIII, patologizou a sexualidade humana, estabelecendo, enquanto “norma”, o modelo heterossexual, monogâmico, com o sexo voltado para a reprodução. Esse modelo compulsório contribuiu para o surgimento da homofobia, que discrimina, restringe, gera injustiça, desigualdade e sofrimento em pessoas. Diante da quebra de paradigmas da sexualidade que vislumbramos na atualidade, tornam-se emergentes ações voltadas

Este capítulo IV traz a síntese das idéias empreendidas pelos conferencistas no II Encontro Para Reflexões sobre Homossexualidade, acontecido na Universidade Estadual de Londrina, em Março de 2006. A presença de cada um deles foi extremamente favorecedora para o alcance dos objetivos do evento, tendo em vista a competência profissional dos mesmos, assim como sua exemplar atitude de engajamento social na luta em prol da conquista da igualdade entre os seres humanos, em todos os aspectos em que a diversidade se manifesta. Por isto, decidi reunir suas reflexões num só capítulo, certa de que este complementaria, sobremaneira, os propósitos deste livro.

* Psicólogo e Psicoterapeuta. Mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade de São Paulo – IPUSP

para a compreensão e a aceitação da homossexualidade – e da diversidade sexual – assim como, de diretrizes inclusivas dessa possibilidade de expressão.

A atração afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu ao longo da história, nas mais diferentes sociedades e culturas, e nem sempre foi considerada indesejável ou doentia. Em um breve olhar histórico, temos que, na Grécia Antiga, ela tinha *status* privilegiado, na forma de pederastia, consistindo como parte da passagem de um rapaz, com idade entre 12 e 20 anos, para a vida adulta, sendo uma forma elevada de educação e transmissão de valores aristocráticos de uma geração a outra. O Estado homofóbico nasceu mais tarde, na Europa Medieval, a partir das autocracias combinadas da Igreja e do Estado, que sacralizaram a sexualidade, estabelecendo o “ideal” heterossexual. Por volta de 1700, com a reforma puritanista, houve a introdução das noções de bem e de mal absolutos, e os homens que mantinham relação com outros homens passaram a ser vistos como criminosos.

Os primeiros médicos que escreveram sobre pessoas que mantêm relações afetivo-sexuais com outras do mesmo sexo foram Karoly Maria Benkert que, em 1869, cunhou o termo *homossexual* (foi quando surgiu a figura do “homossexual”) e Karl Heinrich Ulrichs, que escreveu, entre 1860 e 1890, sobre o assunto, usando o termo *uranismo*. Em 1878, o médico italiano Arrigo Tamasia propôs o diagnóstico ‘*inversione dell’istinto sessuale*’, que mais tarde, em 1882, foi adotado pelos neurologistas franceses Charcot e Magnan. Em 1886, foi cunhado o termo diagnóstico *homossexualismo*, por Richard von Krafft-Ebing, autor de *Psychopathia Sexualis*. O termo *homossexualismo* foi levado para o grande público pelos médicos Magnus Hirschfeld e Havelock Ellis. No Brasil, o termo *homossexual* foi utilizado, pela primeira vez, em 1894, por Viveiros de Castro, em sua obra *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*.

Por não consistir em doença, desvio ou perversão, em 1973, a Associação Psiquiátrica Americana excluiu a homossexualidade do

Diagnostic and Statistical Manual – DSM. No Brasil, em fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina deixou de considerar a homossexualidade como doença. Em outubro de 1995, a então deputada federal Marta Suplicy apresentou, na Câmara dos Deputados, o projeto de lei nº 1.151, sobre a *Parceria Civil Registrada*, propondo a legalização da união entre pessoas do mesmo sexo, assegurando direito à herança, plano de saúde, previdência e declaração de renda em conjunto. Até hoje, o projeto aguarda a votação no plenário da Câmara. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução CFP nº 01/99, passou a proibir o tratamento psicológico visando a “cura” da homossexualidade, depois de denúncias de que psicólogos, associados a Igrejas, promoviam a “cura” (=“conversão”) de homossexuais para heterossexuais. Em novembro de 2001, foi sancionada em São Paulo a lei estadual nº 10.948, que dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual.

A saída da homossexualidade dos manuais de doença para a reivindicação de direitos mostra o sensível abrandamento do preconceito e a criação de espaço para o diálogo entre diferentes, porém, muito ainda há de ser feito. A partir do conhecimento das bases da construção da (homo)sexualidade, enquanto uma categoria culturalmente construída e variável de sociedade para sociedade, entendida no contexto histórico no qual é produzida, ampliam-se as possibilidades para que profissionais da saúde e educadores, além da sociedade em geral, combatam o preconceito e a homofobia, e encontrem ações mais dignas e humanas para lidar com o fenômeno da diversidade sexual, em prol do equilíbrio e bem-estar humano, em uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva, e pelo direito de amar em paz.

O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

Toni Reis*

As primeiras tentativas de organização de um movimento homossexual contra a discriminação e em prol dos direitos tiveram início na Europa Central, no período entre 1850 e 1933, como uma reação a uma onda de legislação que criminalizava atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo e o “travestismo”. O movimento foi mais forte na Alemanha, mas acabou em 1933, com o advento do regime nazista. No Holocausto, mais de 200 mil homossexuais foram mortos.

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento homossexual começou a se estruturar, novamente, logo após a Segunda Guerra Mundial, mas foi na década de 60, nos Estados Unidos, com os hippies e a contracultura americana, que surgiu um movimento GLBT¹ de contestação. Contudo, a data que ficou como uma marca na história do moderno movimento gay mundial foi 28 de junho de 1969, quando da rebelião de GLBTT² contra as arbitrárias batidas policiais no Bar Stonewall, em Nova Iorque. No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam, sobre as ruas de Nova Iorque, demonstrando que estavam

* Mestre em Filosofia, Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro. Presidente da Associação Brasileira de Bissexuais, Gays, Lésbicas, Travesti e Transexuais - ABGLT.

¹ GLBT - Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros.

² GLBTT - Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.

dispostos a seguir lutando por seus direitos. Desde então, “28 de junho” é considerado o Dia Internacional do Orgulho GLBTT.

Embora possa ter havido organizações GLBT no Brasil, no período pós-guerra, é só nos anos 70 que se tem registros documentados, com o Jornal o Lâmpião da Esquina, em 1978. O Somos, primeiro grupo homossexual brasileiro, surge em São Paulo, em 1979 e o primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais é realizado em 1980. Em seguida, surgiram outros grupos, mas divergências políticas sobre os rumos do movimento desanimaram muitos participantes e o advento da Aids, inicialmente, afetou maciçamente os gays, período em que muitos ativistas embarcaram no novo Movimento Aids, levando a um declínio dramático no ativismo GLBTT.

No final dos anos 80 e, sobretudo, na década de 90, o movimento GLBT começou a se mobilizar novamente. Há uma corrente de pensamento que afirma que a experiência do combate à Aids permitiu, ao movimento, desenvolver as capacidades organizativas e de gestão de ONGs, bem como, de organização de campanhas de massas, tendo, a luta contra a Aids servido, inadvertidamente, de escola para a criação de grupos GLBTT.

Em 1995, em Curitiba, foi criada a ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros, durante o 8º Encontro Brasileiro (o então EBGL), com 31 grupos GLBTT fundadores. De certa forma, este foi um marco de uma tendência de organização, bem como do fortalecimento destes segmentos e, a partir daí, houve um rápido crescimento no número de grupos e redes que reivindicam a igualdade de direitos. As paradas GLBTT começaram a tomar força, também, no ano de 1995, dando visibilidade à causa. Houve uma parada no final do EBGL, em Curitiba, e outra, no Rio de Janeiro, no final da Conferência Internacional da ILGA – Associação Internacional de Lésbicas e Gays.

A primeira década do novo milênio marca importantes avanços na promoção da cidadania GLBTT, com uma abertura no governo federal e a implementação de políticas públicas afirmativas. Embora o Congresso Nacional resista à aprovação de legislação favorável a GLBTT, vários estados e municípios já aprovaram este tipo de legislação, havendo, também, significativa jurisprudência que concede, aos GLBTT, seus direitos.

SUBJETIVIDADE DAS TRAVESTIS BRASILEIRAS

Wiliam Siqueira Peres*

O presente trabalho apresenta o percurso prático-teórico que culminou em minha tese de doutorado em Saúde Coletiva, apresentada ao Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob o título: 'Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania' (PERES, 2005).

Nosso percurso teve, como ponto de partida, experiências de coordenação de oficinas de prevenção dsts/hiv/aids para travestis, na cidade de Londrina-Pr, que, a cada encontro, solicitava espaço para problematização das condições de vida em que as mesmas estavam inseridas, mapeando o universo de vulnerabilidades concretas frente à violência estrutural às quais as mesmas estavam expostas.

Realizamos 17 (dezessete) entrevistas em profundidade, que foram orientadas através de um roteiro que se baseavam em três referências centrais: as lembranças da infância – com atenção para a percepção da sexualidade/homossexualidade e desejo de travestir-se – sua relação com a família, com a comunidade, a escola, a socialização; as recordações da adolescência – com ênfase nos scripts

* Psicólogo. Professor Assistente Doutor do Depto Psicologia Clínica, FCL/UNESP/Assis-SP.

sexuais, na percepção corporal e projetos de futuro; e o momento de vida atual.

Dessas entrevistas, selecionamos quatro travestis, que as denominamos com nomes de pedras preciosas, sendo: Ônix e Pérola da região nordeste; Safira – região sudeste; Ametista – região sul. Embora de regiões diferentes, percebemos a existência de experiências comuns entre elas, podendo inferir que a variação frente aos processos de estigmatização vividos por essas pessoas só podem ser diferenciados quanto à sua intensidade.

Nossa experiência com a comunidade travesti foi sendo construída entre um misto de curiosidade, troca de idéias e afetividade. Curiosidade frente a um universo que me oferecia um aprendizado inédito, de inserção em um mundo diferente daquele que um dia me serviu de referência, abrindo-me para novos questionamentos; troca de idéias nos encontros possíveis, que se davam nas oficinas, nas esquinas, em suas casas; e muita afetividade, pois a construção de amizades com vínculos de respeito e confiança foram imprescindíveis para a fidedignidade dos dados coletados.

Nosso percurso metodológico orientou-se pela etnografia – observação etnográfica, entrevistas em profundidade, e pelos princípios da cartografia – mapeamento do desejo, permitindo a construção de quatro histórias de vida de travestis militantes, líderes do movimento brasileiro das travestis, transexuais e transgêneros.

As histórias de vida, aqui denominadas cartografias existenciais, realizam um mapeamento a respeito das experiências vividas pelas travestis, demarcando os valores e os discursos dos contextos em que se dão suas relações, assim como, a produção desejante presente em suas vidas. Através dessa demarcação, foi possível mapear situações em que essas pessoas vivenciaram o “encontro com o poder”, construindo culturas de resistência que favoreceram o exercício da cidadania.

Seguindo uma perspectiva metodológica foucaultiana, nossas perguntas não se esgotam em possíveis respostas, mas formulam mais perguntas, evidenciando o vasto campo de pesquisa e estudos sobre a comunidade de travestis em nosso país.

As cartografias existenciais de nosso estudo sugerem oscilações entre o encontro com o poder e os processos de estigmatização das mais diversas ordens: família, comunidade, escola, instituições de saúde, segurança pública, espaços de lazer. Como ondas que se propagam, os corpos das travestis vão sendo revestidos por estigmatização que se somam sobre a sua pele: por ser travesti, por ser pobre, por ser negra, por ser feminina, por ser desempregada, por usar silicone, por ter pau pequeno, por ser passiva, e assim, sucessivamente.

Frente aos processos de estigmatização, a organização social e política de luta pela emancipação psicossocial, por respeito e cidadania das travestis, tem conseguido alguns avanços na busca de direitos, expressos pela participação de travestis junto aos órgãos públicos e pela militância em suas organizações. Reivindicações, como ser chamada pelo nome de mulher, nos centros de saúde e nas escolas, têm sido conquistas tidas em alguns estabelecimentos e não em outros. Circular nos espaços públicos com mais tolerância da sociedade civil, sem tantas discriminações, também tem sido reflexo da organização social pela cidadania das travestis, assim como, ter mais auto estima e determinação para exigir respeito e tolerância. Algumas famílias começam a ser mais compreensivas e tolerantes para com suas filhas travestis, permitindo-lhes ter suas estruturas emocionais mais solidificadas.

Apesar das muitas conquistas e vitórias das comunidades organizadas de travestis, transexuais e transgêneros, ainda nos deparamos com altos índices de violência e assassinatos dessas pessoas, pois estas continuam sendo marginalizadas e excluídas em nossa sociedade.

“Não se nasce travesti, torna-se travesti”.

HOMOSSEXUALIDADE E FAMÍLIA

Hugues Costa de França Ribeiro*

Ao tratar do tema “homossexualidade e família”, abordaremos os mecanismos, geralmente, utilizados pelas famílias, ao se depararem com a descoberta ou a comunicação, por parte de um dos/as filhos/as, de sua homossexualidade. Entre a descoberta e a possibilidade de se lidar com a situação de maneira mais construtiva na relação pais-filhos, pode-se detectar algumas fases, como tem sido apontado por diferentes pesquisas. Muitas vezes, estas fases não apresentam a mesma seqüência cronológica para cada família e, nem toda família passa pelas mesmas fases. Partimos da constatação de que cada família apresenta maneiras subjetivas para lidar com a com a descoberta da homossexualidade de seu/sua filho/a. Inúmeras pesquisas recentes realizadas no Brasil mostram forte rejeição dos pais à homossexualidade dos/as filhos/as (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004; CARRARA; RAMOS, 2005).

A descoberta (1º estágio) – É quase sempre um choque para os pais, ainda que já tenham suspeitado. Podem reagir à notícia com forte comoção, ficando atônitos, inertes e sem saber o que dizer. Os

* Psicólogo. Professor Assistente Dr. da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília; membro do Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade – CEPCoS. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos sobre as Sexualidade na UNESP de Marília.

sentimentos experimentados pelos pais são sempre fortes e confusos. Em torno da homossexualidade, há muitos mitos e falsas concepções; os pais foram educados numa sociedade que sempre se refere a essas pessoas de maneira desqualificada (viado, bicha, sapatão, baitola, mulher macho etc.), estando, na maioria das vezes, associada à vergonha, desonra, medo, doença, promiscuidade. A assimilação da revelação traduz-se na dificuldade da perda da imagem idealizada do/a filho/a, o que costuma ser um processo doloroso e requer algum tempo para que os pais convivam com esta nova realidade.

A culpa (2º estágio) – A culpa costuma ser o segundo estágio vivido pelos pais diante da descoberta ou revelação da homossexualidade do/a filho/a. As questões que os perturbam nesta fase são: Onde foi que eu errei? Quem levou meu filho para este caminho? Como podemos reverter tal situação?

Não existe nada do ponto de vista científico que aponte que pai ou mãe possa ser responsável pela orientação sexual dos filhos. Alguns pais que acreditam que o/a filho/a tornou-se homossexual por influência de amigos, podem tentar afastar seu filho/a da companhia destes, mas esta atitude precipitará cada vez mais o afastamento do filho/a e poderá causar-lhe sérios problemas emocionais. Quanto à possibilidade de reversão, não há evidência científica que apóie o sucesso da reversão da homossexualidade. Terapias não produzem resultados neste terreno. Se a homossexualidade não é uma doença, nem um transtorno psíquico, por que tentar revertê-la?

A negação (3º estágio) – Na negação, alimenta-se a esperança de que esta é apenas uma fase que logo irá passar. Os pais podem acreditar que o/a filho/a encontrará uma pessoa do sexo oposto, por quem se apaixonará e que tudo se modificará. Às vezes, tentam ajudar neste sentido, mas este tipo de postura é prejudicial para o filho/a, podendo gerar ainda mais ansiedade, bem como dificultar as relações pais e filhos. Os pais devem levar em conta que é necessário respeitar a individualidade dos filhos, já que a homossexualidade não é uma opção propriamente dita. Ninguém escolhe ser homossexual, já que nossa orientação sexual não passa pelo crivo de nossa consciência.

Esta negação pode também ser alimentada pelo fato dos pais acharem que a homossexualidade pode ser uma doença ou perversão.

As preocupações e medos (4º estágio) – As preocupações comuns são: 1) Qual será o futuro do/a meu filho/a? Será discriminado/a socialmente ou agredido física ou verbalmente?; 2) Ele/a poderá ser feliz?; 3) Conseguirá realizar-se profissionalmente?; 4) Nunca constituirá uma família?; 5) Conseguirá encontrar um/a companheiro/a?; 6) Terá uma velhice na total solidão? 7) O que acontecerá com ele/a se tiver filhos ou desejar adotá-los?; 8) Como me sentirei se tiver que conviver com o/a namorado/a dele/a? É comum que os pais tenham estas e outras dúvidas, pois construíram a visão das homossexualidades através das mensagens negativas passadas pelo discurso popular e pelas comunicações na mídia, muitas vezes estereotipadas, fragmentadas e preconceituosas.

Orientações aos pais

Em primeiro lugar, os pais devem compreender que não adianta tentar mudar a orientação sexual do filho/a e não dá para alimentar a esperança que a situação mudará; a melhor saída é ir, aos poucos, aceitando esta idéia e não resistindo a ela. Mandá-lo/a para terapia não mudará sua orientação sexual, se esta for a expectativa para o envio. Aconselha-se aos pais que tenham paciência, que não se cobrem demais e que admitam que, de início, alguma resistência poderá ser retornada quando não mais se esperava. Não dá para transformar a rejeição em aceitação, usando apenas a racionalidade; é preciso trabalhar o impacto emocional que o acontecimento gerou. A compreensão da homossexualidade do filho/a é um aprendizado, que será favorecido se os pais procurarem auxílio e, sobretudo, se procurarem rever suas crenças e informações, por meio de leituras de livros e artigos que veiculem conhecimentos científicos confiáveis.

Outra maneira de modificar a visão preconceituosa acerca da homossexualidade é permitir-se conhecer os/as amigos/as do/a filho/

a, entre os quais, possivelmente, existam outros/as homossexuais; participar de eventos promovidos por grupos de gays ou lésbicos. Os pais devem ser ajudados a não alimentarem os sentimentos de culpa acerca da homossexualidade dos filhos. Pode ser útil que os pais encontrem pessoas com quem possam dividir seus sentimentos diante da homossexualidade de um dos filhos/as. Este compartilhar favorece o alívio das angústias e diminui a sensação de isolamento. Entretanto, a escolha para quem contar deve ser cuidadosa para se evitar mais problemas, além do fato de que, qualquer tentativa, deve antes passar pela aprovação do/a filho/a. Esta é uma notícia sobre a vida privada dele/a e a ele/a deve ser dada à oportunidade de decidir a quem e quando contar.

É importante evitar criticar seu filho com base em sua orientação sexual. Não exija que seus filhos/as se adaptem às suas idéias de como devem ser um homem e uma mulher; enquanto pais, têm de aprender a respeitar a diversidade: opiniões diferentes das suas, maneiras diferentes de existir e o que desejar para suas vidas. O principal é dar amor e atenção de forma incondicional, o que não é nada fácil. Aceite seu/sua filho/a do jeito que ele/a é; o que ele/a necessita é de compreensão e amor como qualquer outro filho/a, independente de sua orientação sexual, para não ter afetada sua autoestima. Lembre-se também que cabe ao pai e à mãe ensiná-los a defender-se contra todas as formas de discriminação e de violência. Os pais não podem cair na armadilha de discriminarem o próprio filho em função de sua orientação sexual.

Outro ponto que deve receber atenção é sobre como proceder se o filho ou filha comunica a existência de alguém especial em sua vida. Pode ser difícil para os pais estarem preparando-se para a apresentação e para o convívio com o namorado/a de seu filho/a. Negar tal possibilidade cria barreiras para um bom relacionamento com o filho/a, e faz com que os pais percam a oportunidade de compartilhar com ele/a um aspecto muito importante de sua vida. Não é justo que outros filhos possam usufruir desta experiência e um deles, em função de sua orientação sexual, seja discriminado/a. Por último, cabe destacar a importância dos pais freqüentarem um grupo de apoio para pais de homossexuais.

HOMOSSEXUALIDADE: (UM) PRESENTE NA FAMÍLIA

Fernando Silva Teixeira Filho*

Para a sociedade é difícil dizer que um(a) adolescente seja homossexual. Mas o mesmo não se pode dizer quando se trata de classificá-lo(a) como heterossexual. Por conta do preconceito, muitas pessoas preferem negar que um adolescente que tenha tido (ou tenha) relações sexuais com alguém do mesmo sexo biológico possa vir a se tornar uma pessoa homossexual. Para a sociedade, todas as pessoas, de antemão, são ou se tornarão heterossexuais. Assim, pode-se imaginar o quão sofrido é para um(a) adolescente assumir, para si mesmo e para os outros, a sua homossexualidade, especialmente, quando esses outros são os próprios familiares. Nesse sentido, podemos afirmar que nem sempre se é homossexual, o que não é verdadeiro para a heterossexualidade.

Por conta da homofobia, o jovem homossexual se vê forçado a viver seus sentimentos, atração física e práticas sexuais na invisibilidade, guardando segredo destes para os outros e para si mesmo. Esse processo produz o que, popularmente, é conhecido como “viver no armário”. Ao longo dos anos, algumas pessoas homossexuais conseguirão sair do armário. Mas outras não. Isso porque há um luto

* Psicólogo, psicanalista, pós-doutor pela Universidade Charles de Gaulle, em Lille, França. Professor no Curso de Graduação e Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Assis, S/P.

a ser feito: o luto da heterossexualidade. E, como em todo o processo de luto, há uma elaboração a ser feita. Segundo os estudos de Elizabeth Kluber-Ross, o processo de luto possui 5 fases: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação.

Assim, o adolescente homossexual, até chegar à idade adulta, tentará negar para si próprio e para os outros que tem sentimentos e atração física por pessoas do mesmo sexo; sentirá raiva de si mesmo e da situação; tentará negociar consigo mesmo mecanismos compensatórios do tipo: "já que sou gay, tentarei compensar sendo o mais inteligente na minha turma"; percebendo que a sua atração física não diminui com o passar dos anos e que nada que tentou fazer conseguiu modificar a situação, poderá cair em depressão por se sentir culpado e por decepcionar as expectativas dos pais e de outras pessoas que, para ele, são importantes; até que, com sorte, concluirá que nada do que digam ou façam irá mudar a sua orientação e/ou comportamento, passando, então, a aceitar-se como é.

Evidentemente, esse processo de elaboração varia conforme diversos contextos, idade, sexo, raça, nível cultural, social etc. Há casos em que a aceitação nunca ocorrerá. De qualquer modo, o importante é que a escola e a família estejam atentas para o fato de que o problema não é a homossexualidade, mas sim a homofobia que força a pessoa homossexual a fazer o luto da heterossexualidade, em silêncio, e compulsoriamente. Ou seja, se a heterossexualidade não fosse o padrão de uma sexualidade normal e aceitável para a nossa sociedade, não haveria porque o obrigar-se a sentir que "perdeu" a chance de ser isso ou aquilo. Do mesmo modo que, por exemplo, não nos sentimos tristes por não termos nos tornado um arquiteto ou médico, quando nos tornamos professores. De qualquer modo, cremos que, conforme os direitos da população homossexual começarem a ser legitimados, como por exemplo, o direito à legalização da união civil, da adoção e outros, paulatinamente, a homossexualidade deixará de ser uma categoria inferior à heterossexualidade. A igualdade entre as identidades sexuais irá, passo a passo e a seu termo, resolvendo esses problemas e, claro, produzindo novos.

ENCERRAR FALANDO EM MUDANÇAS...

*A mente que se abre a uma nova idéia
Jamais volta ao seu tamanho original.*

Albert Einstein

Cada um de nós, que hoje é adulto, pôde, já, acompanhar muitas mudanças no âmbito do comportamento humano, em vários sentidos. Você já parou para pensar nas mudanças que teve oportunidade de viver ou de acompanhar de perto? Provavelmente, com algumas delas você espantou-se, de início, mas, com o tempo, foi adaptando-se e foi as assimilando como parte do cotidiano.

No campo da sexualidade, especialmente, quantas mudanças! Muitos comportamentos, que antes eram tidos como perversão, hoje são tidos como possibilidades, nos lembra Anthony Giddens (1993). Por exemplo, a masturbação, que era tida como um risco à saúde mental e física das pessoas, podendo levar ao vício, à loucura ou à debilidade física, hoje é reconhecida como importante no processo de auto-conhecimento e de desenvolvimento do erotismo, necessário para a vivência sexual quando adulto. Também, o sexo antes do casamento, o sexo oral e o sexo anal são tidos como possibilidades, atualmente, o que denota que as pessoas são consideradas como podendo ser sujeitos de sua sexualidade, com liberdade e responsabilidade. Todas essas mudanças foram possíveis porque se ampliou a compreensão do significado da sexualidade na vida das pessoas; ou seja, o sexo deixou de ser compreendido, unicamente, como um meio de reprodução, para ser visto como uma forma de relacionamento humano, de comunicação,

de trocas afetivas, de felicidade. Concomitantemente, a reprodução deixou de ser o centro da vida humana.

Gosto muito quando Tânia Navarro-Swain (2000) diz que nenhuma mudança no campo da sexualidade, entre as muitas que já aconteceram, como o divórcio e as alternativas de contracepção, por exemplo, tem nos possibilitado tanto alcançar uma compreensão tão ampla e profunda do significado da sexualidade e do seu sentido na vida humana, quanto a homossexualidade.

Abrir-se para acolher o novo, acolher o que muda, é, sem dúvida, permitir-se evoluir. Desse processo, fala com doçura, nossa poetisa paranaense, Helena Kolody (1912-2004):

EVOLUÇÃO

Caem as folhas de repente,
brotam outras pelos ramos,
murcham flores, surgem pomos
e a planta volta à semente.

Assim somos. Sutilmente,
diferimos do que somos.

Impossível transmitir,
por secreto e singular,
o acrescentar e perder
desse crescer que é mudar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia.; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ADÉ Fidan. **Uma lição de vida aquendando com as monas**: projeto Casa de Vivência Saara Santana. Local: Ministério da Saúde, s/d.

ALMEIDA, Vagner de. A mídia perversa e o universo de homens que fazem sexo com homens. In: RIOS, Luiz Felipe et al. (Org.). **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p.163-173.

BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Cristina. 4.ed. **Sexo & Juventude**: como discutir sexualidade em casa e na escola. São Paulo: Cortez, 1991.

BRASIL sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual. 2.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2004.

BRASIL, Ubiratan. Brokebak Mountain chega às livrarias. **Folha de Londrina**, Londrina, 24 fev. 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei nº 8.242, de 12 de outubro de 1991, e Convenção sobre os Direitos da Criança. – 4.ed. Brasília: Câmaras dos Deputados, Coordenações de Publicações, 2003.

BURGIERMAN, Denis Russo. Atração entre iguais. **Super Interessante**, São Paulo, v.13, n.8, p.26-33, ago.1999.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. **Os gestos do silêncio para esconder as diferenças**. 2005. Dissertação (Mestrado Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

CÂMARA, Cristina. **Cidadania e orientação sexual**: a trajetória do grupo Triângulo Rosa. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

CARRARA, S.; RAMOS, S. **Política, direitos, violência e homossexualidade**. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho DLTBT – Rio 2004. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade *queer*. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.9, n.3, p.471-478, 2004.

COUTO, Edvaldo Souza. **Transexualidade: o corpo em mutação**. Salvador: GGB, 1999.

FACCHINI, Regina. Mulheres, diversidade sexual, saúde e visibilidade social. In: RIOS, Luiz Felipe et al. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p.34-43.

FERREIRA, Marcelo Santana. Experiência homossexual e juventude: perspectivas novas para uma análise. In: RIOS, Luiz Felipe et al. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p.44-49.

FIGUEIRA, Joyce Cardoso; SARDA, Zeila Marize. As diferenças e a exclusão no cotidiano escolar. **Linhas**, Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura, UDESC, Florianópolis: UDESC, v.1, n.3, p.75-81, ago./dez., 2001.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: EDUEL; Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. **Homossexualidade: contra o preconceito, alguns esclarecimentos**. **Terra Vermelha**, Londrina, v.4, n.47, p.16-17, mar. 2003a.

_____. **Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola**. [Londrina], 2003b. Texto apostilado.

_____. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 2.ed. Londrina: EDUEL, 2001.

_____. **Educação sexual no dia a dia: 1ª coletânea**. Londrina: [s.n.], 1999.

_____. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.98, p.50-63, ago. 1996.

GAIARSA, José Angelo. **A juventude diante do sexo**. São Paulo: Brasiliense, [1967?].

GAMEIRO, Ana Cristina, P; CAMPANA, Carla. **A homossexualidade e a escola: efeitos da Educação Sexual informal na escola e do contexto escolar na construção da subjetividade da pessoa homossexual**. Orientadora: Mary Neide Damico Figueiró. Londrina, 2005. Relatório apresentado à disciplina: Tópicos Avançados, do curso de Psicologia da UEL.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. **Educação sexual: uma proposta, um desafio**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Seja você mesmo**: perguntas e respostas para jovens gays, lésbicas e bissexuais. Salvador: GGB, 1996a.

GRUPO GAY DA BAHIA. **ABC dos Gays**: Cartilha para desenvolver a auto-estima, cidadania e a promoção de práticas sexuais mais seguras de prevenção da AIDS para homossexuais. 2.ed. Salvador: GGB, 1996b.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. **Ilusão e realidade do sexo na escola**: um estudo das possibilidades da educação sexual. 1989. Tese (Doutorado em Educação/Metodologia de ensino) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

GUY, Durand. **Sexualidade e fé**: síntese de teologia moral. São Paulo: Loyola, 1989.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A promoção da cultura do reconhecimento da diversidade sexual e o combate à homofobia como política pública de educação. In: II SIMPÓSIO DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL PARANÁ – SÃO PAULO – SANTA CATARINA, 2., 2006, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2006. p.1. CD-ROM.

MOTT, Luiz. Educação Sexual e o jovem homossexual. **Perspectiva**: sexualidade e educação. Florianópolis, n.98, p.57-88, ago. 1996.

_____. **Homossexualidade**: mitos e verdades. Salvador: GGB, 2003a.

_____. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003b.

MOTTA, Maria Antonieta Pisano. **Mães abandonadas**: a entrega de um filho em adoção. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MÜLLER, Wunibald. **Pessoas homossexuais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos, 313).

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.

PAIVA, Vera. **Fazendo arte com camisinha**: sexualidades jovens em tempo de AIDS. São Paulo: Summus, 2000.

PAMPLONA, Ronaldo. **Os 11 sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. 3.ed. São Paulo: Gente, 1994.

PERES, William Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania. 2005. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social da UERJ, Rio de Janeiro.

_____. Violência, exclusão e sofrimento psíquico. In: RIOS, Luiz Felipe et al. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p.116-122.

POORMAN, S. G. Respostas sexuais e transtornos sexuais. In: Stuart, G.W.; Laraia, M.T. **Enfermagem psiquiátrica: princípios e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. Cap.26: p.581-604.

RAMIRES, Lula. Saúde dos homossexuais: uma questão de resiliência. In: RIOS, Luiz Felipe et al. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p.161-162.

REIS, Toni; HARRAD, David. **Direito de amar: a história de um casal gay**. Curitiba: [s.n.], 1996.

REIS, Toni. **Comentário sobre manifestos gays**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <figueiro@onda.com.br> em 26 out. 2006.

REIS, Toni. (Org.) **Educando para a diversidade: como discutir a homossexualidade na escola? Guia para educadores**. Curitiba: [s.n.], [2005?].

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. **Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. Associação médica e eventos culturais. **Folha de Londrina**, Londrina, 01 abr. 2006. Folha Opinião: Espaço Aberto.

RIBEIRO, Hugues Costa de França. **Homossexualidade e família**. In: II Encontro para Reflexões sobre Homossexualidade, 2006. Palestra proferida.

RIBEIRO, Marcos. **Menino brinca de boneca?: Conversando sobre o que é ser menino e menina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991.

RIESENFIELD, Rinna. **Papai, mamãe, sou gay!:** um guia para compreender a orientação sexual dos filhos. São Paulo: Summus, 2002.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria do Governo Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher. **Gênero e Educação: caderno para professores**. São Paulo. Secretaria Municipal de Educação, 2003.

SEFFNER, Fernando. Escola, sexualidade e aids: construindo estratégias para lidar com os processos de estigma e exclusão. In: II SIMPÓSIO DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL PARANÁ – SÃO PAULO – SANTA CATARINA, 2., 2006, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2006. p.1. CD-ROM

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e a conviver**. 2.ed. São Paulo: FTD, 1999.

SULLIVAN Andrew. **Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TUCKER, Patrícia; MONEY, John. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

VASCONCELOS, Naumi. **Amor e sexo na adolescência**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 1985.

_____. Homossexualidade feminina. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.343- 359.

VIEIRA, João Luiz. Um espaço conquistado. **Época**, São Paulo, n.222, p.60-66, ago. 2002.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

WÜSTHOF, Roberto. **Descobrir o sexo**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1995.